
CID SEIXAS

A POÉTICA

PESSOANA

UMA PRÁTICA

SEM TEORIA

A prática criadora de Pessoa intui que as figuras formativas da linguagem não são simples divertimentos de adultos nem joias para enfeitar o pensamento: a metáfora é como a nave exploratória, que ultrapassa a atmosfera respirável e vence o vazio escuro, em busca de novas formas de vida. Instrumento impreciso do conhecimento, a metáfora é a nau descobridora. Pelo condão da palavra inaugural, vê o que outros olhos não viram ainda, transmutando a visão difusa em objeto esculpido na pedra pela densa luz do dia.

A série intitulada Conhecer Pessoa trata de questões da teoria do conhecimento e da arte, a partir das ideias estéticas e da criação poética de Fernando Pessoa.

Aqui estão, divididos em nove pequenos livros, os textos escritos por Cid Seixas a partir de uma pesquisa sobre a obra desse importante poeta da nossa língua e das suas diversas incursões pela filosofia e pelas ciências da cultura.

Observe o leitor que os autores antigos dividiam seus escritos em "livros", cujas dimensões correspondem a grandes partes ou grandes capítulos das obras atuais. Para atender à dinâmica de textos breves na internet, adotou-se aqui a divisão do material em livros, forjando um elo no tempo.

A POÉTICA PESSOANA

Copyright 2017 Cid Seixas
Tipologia Original Garamond, corpo 12
Formato 120 x 180 mm
144 páginas



Disponibilização deste e-book:

<https://issuu.com/cidseixas/docs/7.poetica>

<https://issuu.com/ebook.br/docs/7.poetica>

www.e-book.ufes.br

www.linguagens.ufba.br

Cid Seixas

**A POÉTICA PESSOANA:
UMA PRÁTICA SEM TEORIA**



e-book.br
EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL



Conselho Editorial:
Adriano Eysen (UNEB)
Cid Seixas (UFBA/UEFS)
Alana El Fahl (UEFS)
Francisco Ferreira de Lima (UEFS)
Massaud Moisés (USP)

- Livro I:
ESPAÇO DE TRANSGRESSÃO E ESPAÇO DE CONVENÇÃO
- Livro II:
A CONSTRUÇÃO DO REAL COMO PAPEL DA CULTURA
- Livro III:
A POESIA COMO METÁFORA DO CONHECIMENTO
- Livro IV:
O SIGNO POÉTICO, FICÇÃO E REALIDADE
- Livro V:
DO SENTIDO LINEAR À CONSTELAÇÃO DE SENTIDOS
- Livro VI:
O ECO DA INTERDIÇÃO OU O SIGNO ARISCO
- Livro VII:
A POÉTICA PESSOANA, UMA PRÁTICA SEM TEORIA
- Livro VIII:
O DESATINO E A LUCIDEZ DA CRIAÇÃO EM PESSOA
- Livro IX:
UMA UTOPIA EM PESSOA:
CAEIRO E O LUGAR DE FORA DA CULTURA

SUMÁRIO

1	Pessoa, a sombra do outro	9
2	Da intenção ao gesto: o vazio	19
3	Da sensibilidade e do discurso do outro	43
4	A seta e o alvo ou o olhar no escuro	59
5	Referências e Bibliografia	93
6	Conhecer Pessoa	142

O poeta é o que sempre excede
o que pode fazer.

FERNANDO PESSOA

PESSOA, A SOMBRA DO OUTRO

O poema, mesmo falando pouco, diz mais do que o texto teórico ou analítico. Quando sua fala cifrada percorre o curso da teoria em sinais impróprios, cifras inexatas e polissêmicas, a escrita diz a essência – estrita.

Então, façamos silêncio. Para ouvir a síntese contida do verso:

“Todo começo é involuntário.
Deus é o agente.
O herói a si assiste, vário
E inconsciente.

À espada em tuas mãos achada
Teu olhar desce.

«Que farei eu com esta espada?»

Ergueste-a, e fez-se.”

(Pessoa, 1972, p. 72)

Ao celebrar, discreto, o feito do Conde D. Henrique, pai de D. Affonso Henriques, o Rei primeiro, que tomando “A bênção como espada, / A espada como bênção!” (p. 73) ergueu em pedras afiadas a muralha do império, Pessoa segue a linha dos demais poemas de *Mensagem* que, ao cantarem os heróis portugueses, cantam seu herói ignoto de então: o cavaleiro domador do verbo, na planície branca da folha.

De anônimo escrevente eventual num escritório de comércio, o autor da façanha derradeira do seu povo passa a herói de todos os feitos: os fatos do impossível Quinto Império. A linha, pouco original, ou por outros já riscada, que me leva a ler os poemas de *Mensagem* como metapoemas, é sublinhada pela passagem do ensaio de Roman Jakobson e Luciana Stegagno Picchio dedicado ao texto pessoano:

“A história dos três artistas imaginários que fazem de seu criador «o menos que ali houve» corresponde de perto ao poema «Ulysses», que proclama o primado e a vitalidade do mito em relação à realidade.” (Jakobson & Picchio, 1970, p. 96)

Mensagem converte-se, neste nosso ver, de moderna epopeia da gente lusa, à condição de livro iniciático do Quinto Império, a pátria da língua portuguesa, cujo imperador seria não mais Vieira, o velho, mas aquele a quem o jovem Pessoa autodenominou de “supra Camões”, no polêmico ensaio da revista *Águia* dedicado à nova poesia portuguesa.

A condição de metapoemas atribuída aos textos de *Mensagem* está quase obsessivamente circunscrita à celebração do processo criador do próprio Pessoa. Aí, o homem de muitas sombras é o único herói possível, entre os poetas, expulsos da República de Platão, mas festivamente recebidos no Império das letras e das ideias: o Quinto, como querem os profetas profanos de Portugal. Reis e rainhas, amos e súditos têm seus nomes inscritos nos

títulos dos poemas do livro. Mas Camões está ausente, e basta, para não usurpar a coroa de rosas breves do esperado supra Camões. Quer venha, quer não; desejado, como D. Sebastião.

A literatura portuguesa nutre-se dos seus mitos, num processo intertextual ocultado ou explícito, onde novas bocas se alimentam do velho pão. Se a literatura brasileira, a partir da geração de Oswald, assume conscientemente a antropofagia literária, enriquecendo-se com o alimento estrangeiro, a tradição literária portuguesa é autofágica. Narciso às avessas, somos, os brasileiros, incapazes de buscar água na fonte próxima. Nesse mirar-se narcísico, os portugueses nos ensinam maturidade: na esteira das grandes literaturas, mares nunca navegados, buscam em si mesmos o embrião da nova fala. Dos trovadores galegos aos poetas palacianos, de Camões a Pessoa, o mito avassalador sombreia a estrada e oculta o sol que doura sem literatura. De Camões a Pessoa. E, ainda, talvez, de Pessoa àqueles que irão nascer...

Saramago, n' *O ano da morte de Ricardo Reis*, põe Pessoa diante do busto de Camões, no dia Dez de Junho, a Festa da Raça:

“Tivesse Ricardo Reis saído nessa noite e encontraria Fernando Pessoa na Praça de Luís de Camões, sentado num daqueles bancos como quem vem apanhar a brisa, o mesmo desafogo procuraram famílias e outros solitários, e a luz é tanta como se fosse dia, as caras parecem elas tocadas pelo êxtase, percebe-se que seja esta a Festa da Raça. Quis Fernando Pessoa, na ocasião, recitar mentalmente aquele poema da *Mensagem* que está dedicado a Camões, e levou tempo a perceber que não há na *Mensagem* nenhum poema dedicado a Camões, parece impossível, só indo ver se acredita, de Ulysses a Sebastião não lhe escapou um, nem dos profetas se esqueceu, Bandarra e Vieira, e não teve uma palavrinha, uma só, para o Zarolho, e esta falta, omissão, ausência, fazem tremer as mãos de Fernando Pessoa, a consciência perguntou-lhe, Porquê, o inconsciente não sabe que resposta dar, então Luís de Camões sorri, a sua boca de bronze tem o sorriso inteligente de quem morreu há mais tempo, e diz, Foi inveja, meu querido Pessoa, mas deixe, não se atormente tanto, cá onde ambos estamos nada tem importância, um dia virá em que o negarão cem vezes, outro lhe há de chegar em que desejará que o neguem.” (Saramago, 1985, p. 351)

Mas, por enquanto, Pessoa, sujeito oculto das orações de *Mensagem*, transita entre os vivos com a vitalidade do texto impessoal. E o dia veio em que cem vezes o afirmamos, do mesmo modo que Camões sendo negado é afirmado. Sobre a ausência do autor dos *Lusíadas* em *Mensagem*, conjunto de poemas contidos e fundamente pensados que reescrevem o entusiasmo e a tuba canora de Camões, convém interpretar esta ausência do mesmo modo que toda ausência é aqui compreendida: como estrutura simbólica destinada a evocar uma presença latente.

Jacinto do Prado Coelho, no texto intitulado “D’ Os Lusíadas à Mensagem”, levanta os pontos de convergência do livro de Pessoa com a obra de Camões; narrativa em verso que Pound reconhece como a primeira tentativa bem sucedida de construir um poema épico sobre o modelo antigo na Europa renascentista. (Pound, 1976, p. 142)

No ensaio intitulado “Camões”, Ezra Pound faz suas as palavras de Hallam, para depois investir contra o estilo do épico português:

“Camões escreve um bombástico resplandecente, que por vezes é poesia. A fala sem musicalidade de Portugal é dominada, suas asperezas são convertidas em harmonia. Como retórica florida, *Os Lusíadas* dificilmente poderão ser superados, creio eu. Seu encanto se deve à força de seu autor, à sua unanimidade, à sua fé inabalável na glória das coisas externas; e há também um certo prazer em entrar em contato com um espírito como o de Camões, o espírito de um homem que tem entusiasmo suficiente para escrever uma epopeia em dez livros sem se deter uma só vez para qualquer tipo de reflexão filosófica. Ele é o Rubens do verso.” (Pound, 1976, p. 143)

Na ótica de Jacinto do Prado Coelho, tanto Camões quanto Pessoa, “cantores da pátria, são poetas da ausência”. Em *Os Lusíadas*, Portugal é «qual cume da cabeça / Da Europa», em *Mensagem*, em descrição semelhante, é o seu rosto. (Coelho, 1983, p. 110) No ensaio “D’Os Lusíadas à Mensagem”, incluído no livro *Camões e Pessoa, poetas da utopia*, Prado Coelho compara:

“Em contraste com o realismo d’*Os Lusíadas* (ou do que realista em Camões se pretende) a *Mensagem* reage pela altiva rejeição a um «real» oco, absurdo, intolerável, propondo-nos em seu lugar a única coisa que vale a pena: o imaginário. Quem não soube – ou não quis – entender a *Mensagem* ignorou esta diferença essencial; nem soube captar a ironia imanente no intertexto pessoano”. (Idem, *ibidem*)

Tal perspectiva serve de linha condutora para acompanhar o fantasma de Camões a assombrar a construção pessoana, como, de resto, ocorre com toda a literatura portuguesa. Trata-se de uma literatura que se nutre dos seus mitos, num processo intertextual onde novas bocas devoram aquelas que o tempo calou e fez falar.

Neste sentido, já foi discutida a quase obsessiva aparição de Camões ao herói do romance *O ano da morte de Ricardo Reis*:

“o mais distante e estranho, torna-se ponto de referência do quotidiano do protagonista: seja no consultório, seja em casa, as estátuas de

Camões e do Adamastor defrontam-se-lhe permanentemente. A questão extrapola as situações concretas, para exprimir o mecanismo no horizonte da série literária portuguesa. Neste sentido, um episódio-chave do romance ganha significação na medida em que, abordando as relações entre a obra de Fernando Pessoa e Camões, se torna expressivo da posição de José Saramago para com a anterioridade”. (Brito, 1988, p. 4)

Na página seguinte, a estudiosa acrescenta:

“Se de fato não há em *Mensagem* ‘um poema dedicado a Camões’, *Mensagem*, como um todo, reporta-se ao poeta, simultaneamente afirmando-o e negando-o. Não há pois esquecimento, antes deslocamento, esta a verdadeira *falta* do poeta em relação ao seu antecessor, a ‘ausência’ constituindo-se na presença mais significativa.” (Idem, p. 5)

Há uma relação digna de ser observada entre o caminho da despersonalização percorrido pela poesia, com o engenho de Pessoa, e uma mudança fundamental no pensamento científico. O século dezenove preparou o projeto de despersonalização a ser assumido pela poesia do século vinte, do mesmo modo que um jovem neurologista dos fins do século dezenove inaugurou a psicanálise no despontar do novo século.

DA INTENÇÃO AO GESTO: O VAZIO

Que espaço separa o gesto da intenção na obra pessoana? Que consciência teórica estrutura a prática poética – exemplar – da ausência? Tais questões tornam apaixonantes os caminhos percorridos para capturar a teoria que se esconde na prática de Pessoa poeta.

Embora muito tenha escrito sobre estética, filosofia, sobre o homem e seu mundo, Pessoa pouco nos disse sobre seu engenho criador de universos. Talvez nem ele próprio soubesse da distância percorrida entre a intenção e o gesto. Talvez nada, um nítido nulo, vislumbresse além do vazio. Todo começo é involuntário: o herói a si assiste, vário – e in-

consciente. Quantas vezes o poeta repetiu a si mesmo a pergunta imposta ao personagem da História:

- “Que farei eu com esta espada?”
- “Ergueste-a. E fez-se.”

Responde a modernidade ao seu engenheiro, quer se chame Campos, Caeiro ou Pessoa. Reis, todos.

Tendo escrito sobre estética, Pessoa pouco nos disse sobre sua fábrica de mundos. É verdade que todos os textos de crítica que escreveu foram simples pretextos, servindo de ponte ao ambicionado projeto do Grande Poeta, o supra Camões ou um outro Shakespeare, espelho no qual se mirava e reconhecia. Mas os olhos que vislumbravam o Grande Poeta, o Desejado, o Encoberto pelo nevoeiro, eram ainda os olhos da tradição. Esses olhos pouco enxergavam além do porto e não viam os contornos da oficina mágica que *a mão do vento*, *o sopro*, ou *a aragem*, construía.

Toca-se então num dos pontos nodulares da filosofia da literatura, ou que outro nome

se dê ao discurso metalinguístico da arte verbal: teoria da literatura, semiótica da literatura etc. Reduzida à ossatura da polaridade, eis a questão: é involuntário, inconsciente o processo criador? Ou é intencional, submetido aos limites e alcances da razão?

O escritor é o engenheiro, aquele que constrói a partir de um projeto, em oposição à clássica crença – de aparência romântica – no encanto das musas e da inspiração. Mas também já se disse que a poesia é precisamente aquilo que ultrapassa o projeto. Enquanto artesão do ofício de escrever, produzo sentenças bem construídas, que dizem o que quero e, às vezes, parecem tornar as palavras mais belas. Mas isto não me faz poeta nem me assegura ser mais que um oficial da palavra, atento ao seu ofício. De artesão a artista o salto erra no vazio. Às vezes.

A literatura moderna, ao deslocar o eixo do sujeito, centrado no *eu* do artista, revê e despe dois déspotas: de um lado, a subjetividade plena de emoção; do contrário, a razão objetiva que os quatro cantos esquadrinha. Em ambos os enfoques, quer revestidos de tintas

românticas ou de claro realismo, o *eu* é o universo, a referência.

Quando o pensamento valoriza a natureza inconsciente da arte, volta-se para a ausência e para o Outro. O crepúsculo dos deuses e super-homens estrutura a prática poética exemplar da ausência. A despersonalização, que marca a lírica moderna e é elevada ao grau máximo na heteronímia pessoana, instaura a poética do outro, enquanto receptor e sujeito ausente da emissão vicária.

Há uma relação digna de ser observada entre o caminho da despersonalização percorrido pela poesia e uma mudança fundamental no pensamento científico. O século dezenove preparou o projeto de despersonalização a ser assumido pela poesia do século vinte, do mesmo modo que um jovem neurologista dos fins do século dezenove inaugurou a psicanálise no despontar do novo século. A passagem de Freud da neurologia à psicanálise se deve à revelação do inconsciente. Sabemos que a arte tem o dom de captar e antecipar o difuso, aquilo que ainda não foi formado pela linguagem da consciência e posto à disposição das pesso-

as. Freud sabia disso, tanto que foi buscar em Goethe o foco de luz com que iluminou a vida psíquica das gerações seguintes. Daí o elo entre a revelação do inconsciente por Freud e o deslocamento do eu como centro da lírica. Do mesmo modo que – antes do processo de despersonalização – o eu ocupava o espaço da lírica, antes da compreensão do Inconsciente freudiano, a Consciência era a instância suprema do pensamento. Instância esta que se confundia com o *ego*. Freud deslocou sua atenção da consciência para o Inconsciente, e do *ego* para o *id*, espaço de transgressão a ser conquistado por um processo de autoanálise.

É um contemporâneo de Freud, poeta desconhecido de um país ilhado, que realiza do modo mais radical até hoje conhecido, a passagem da lírica da condição de lugar do eu para lugar do outro. Ou, para completar a analogia, em termos freudianos do século vinte, lugar do grande Outro.

Pessoa, ao mesmo tempo em que assume a natureza inconsciente do discurso poético, abandona a ânsia de falar de si, em favor da ambição de falar pelo outro. Temendo que ele

próprio, que não é ninguém senão um outro, não conseguisse falar a linguagem esquecida, deu vida e estas verdadeiras máscaras do grande Outro: Campos, Caeiro, Reis, Bernardo Soares, Charles Search, Alexander Search, Barão de Teive, António Mora, Raphael Baldaya, A. A. Crosse, Charles Robert Anon, Jean Seul, Abílio Quaresma, Coelho Pacheco, Vicente Guedes, Frederico Reis...

Ver, a propósito, o apêndice intitulado “Fichas para um primeiro recenseamento”, onde Antonio Tabucchi, em *Pessoana mínima*, levanta a identidade da população constituinte do universo pessoano, recorrendo à obra e à arca dos inéditos. (Tabucchi, 1984, p. 107)

Segundo Jacinto do Prado Coelho, “a estética antirromântica de Fernando Pessoa assenta na referida concepção da escrita como ruptura e ausência. É necessariamente uma estética não já da expressão mas da invenção.” (Coelho, 1983, p. 111) Em outros termos, é o que chamamos de transgressão, para marcar o traço distintivo da arte moderna e de toda arte que continua viva no pensamento da espécie humana.

O artista do século vinte, na esteira da reação à chamada inspiração romântica, procurou estar atento ao seu papel, pondo a reflexão teórica ao lado da criação. O fim do século precedente trouxe consigo uma sequência de correntes literárias, resultante de elaborações teóricas e reflexões estéticas. Se em determinados momentos da história da arte, os movimentos correspondem a grandes estilos de época ou a tendências gerais do pensamento e da sociedade como um todo, os tempos modernos apresentam dezenas de *ismos* que refletem menos uma prática em processo de socialização e mais uma concepção do fazer artístico. Manifestos altamente revolucionários dão conta de uma avançada concepção estético-filosófica ou científica, constituindo os mais importantes legados dos movimentos. A reflexão sobre a obra de arte toma o lugar da própria obra de arte.

Em muitos, a intenção é alta e o gesto estreito. Na obra poética de Pessoa a relação é inversa: a uma teoria que passeia os arredores da tradição, corresponde a prática desconcertante dos heterônimos e dos ortônimos tam-

bém plurais. Confrontando-se a variada obra teórica deixada pelos poetas que habitavam Pessoa – desde os textos filosóficos, até os de auto interpretação, estética e crítica literária – com a obra poética de qualquer um deles, vistos isoladamente ou como um conjunto indivisível, percebe-se a distância decorrida entre a teoria e a prática: a intenção e o gesto.

A prática poética da ausência, da despersonalização, do outro, está muito além das defesas teóricas esboçadas nos retratos do artista enquanto jovem. Somente os mais ousados pensadores desde século que viu Pessoa morrer, sistematizaram um corpo teórico compatível com o universo revelado pela poesia pessoana. Pensar Pessoa nos limites da tradição teórica por ele aceita é tarefa impossível. Mas se nos voltamos para as mais ousadas ideias do século vinte, transitaremos numa atmosfera familiar à criação do poeta.

Lacan, por exemplo, – se quisermos chegar à mais radical sequência do pensamento freudiano – repõe a questão da ausência como fundamento da sua investigação estrutural. Já Umberto Eco tenta compreender a natureza

eminentemente poética de um pensamento seduzido pelo neopositivismo da linguagem:

“Como é possível que do enaltecimento da mais sólida e inconfutável das determinações estruturais, a mecânica estatística da cadeia significativa, tenhamos passado à celebração de uma Ausência?”

Isso acontece porque a noção de ausência se oculta no discurso de Lacan como hipoteca ontológica que faz com que assumam valor metafórico todas as predicções de diferencialidade e ausência oposicional que o discurso de origem binarista lhe põe à disposição.” (Eco, 1971, p. 335)

E a questão continua em foco:

“A ausência estruturalista importa enquanto *algo* não existe, e em seu lugar aparece *algo diferente*. A Ausência de Lacan, ao contrário, parece importar justamente enquanto, surja o que surgir, o que se põe em evidência é a própria Ausência, fazendo evaporar-se fatalmente aquilo que derrisoriamente aparece.

E isso porque o fato de que a cadeia significativa possa exprimir-se através da dife-

rença entre o que existe e o que não existe depende do fato de ela nascer de uma *fratura*, de uma *falta*, de um pecado original pelo qual o eu se caracteriza como privação de algo que jamais poderá alcançar, e esse algo, o Outro, efetivamente não existe ou, em todo o caso, é inatingível.

Em outras palavras: não é porque a cadeia significativa opera por presenças e ausências que no universo lacaniano aparece a Ausência. Mas é porque já existe uma ausência constitutiva que a cadeia significativa assume os modos da oposição e da diferença. O Não-Ser não é o resultado de um hiato entre dois termos em oposição: é a origem de toda oposição possível.” (Eco, 1971, p. 336)

A questão é posta por Umberto Eco no capítulo “A estrutura e a ausência”, que relaciona as proposições de Lacan com o próprio título geral do seu livro *A estrutura ausente*. Aí, tanto Saussure quanto Heidegger aparecem como elos na cadeia construtiva da ausência em Lacan. Saussure e os linguistas, notadamente Jakobson, pela análise da estrutura binária da linguagem; Heidegger, pela concepção de um Ser atingível apenas através

da dimensão da linguagem. A mesma linguagem que para ele não está em poder do homem, porque não é o homem que nela se pensa, mas ela, a linguagem, que se pensa no homem. “Apesar de não ter seu nome citado muitas vezes no curso dos escritos lacanianos, Heidegger aparece bem mais do que Freud como a raiz que dá origem a toda a doutrina da Ausência.” (Eco, 1971, p. 339)

Compreende-se então, mais claramente, o que Lacan quer dizer quando confessa traduzir no seu discurso a doutrina heideggeriana: “Quand je parle d’Heidegger ou plutôt quand je le traduis, je m’efforce à laisser à la parole qu’il profère sa signification souveraine”. (Lacan, 1966, p. 528)

Quando o filósofo estabelece que auscultar um texto como manifestação do ser não é compreender o que ele diz, mas, antes de qualquer coisa, o que não diz e todavia evoca, precede ao ensino de Lacan aos analistas da sua escola, ao buscar na linguagem a verdade oculta: a palavra plena.

Essa busca, nos moldes propostos por Lacan, substitui o significado pelo significante,

pela ausência, ou pelo Outro. Em setembro de 1960, nos Colóquios Filosóficos Internacionais, Lacan já explica o seu corte no signo saussuriano, através do texto “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”. Segundo os fundamentos então expressos, a procura do sujeito da psicanálise, que se dá no espaço do discurso, surpreende *Aquilo* que é procurado no âmbito do significante,

“posto que ao atar-se na significação, ei-lo alojado na insígnia do pré-consciente. Pelo que chegar-se-ia ao paradoxo de conceber que o discurso na sessão analítica não vale senão pelo fato de que tropeça ou mesmo se interrompe: se a própria sessão não se instituisse como ruptura dum falso discurso, digamos, no que o discurso realiza ao se esvaziar como fala, ao não ser mais do que a moeda de esfígie desgastada da qual fala Mallarmé, que se passa de mão em mão «em silêncio».” (Lacan, 1978, p. 283)

Em outras palavras: Fernando Pessoa rejeita a sinceridade do discurso cotidianamente

proferido como forma de atingir a verdade, inverte o caminho seguido pelo senso comum ao descobrir o método contido na mínima: *Fingir é conhecer-se*, enquanto Lacan suspeita do discurso sincero proferido pelo sujeito da cultura, pelo homem, como caminho que leva à sua própria verdade.

Além do mais, convém não esquecer o caráter lúdico do pensamento lacaniano, conforme a lição de Mannoni:

“Después de 1970, los discípulos de Lacan acentuaron la formalización de una manera que no dejaba más lugar al juego y al sueño. La posición de lacan siempre fue más flexible que la de sus alumnos: «Todos saben, le gusta decir, que soy alegre, pilluelo, me divierto!».

Cuando Chomsky propuso a Lacan una teoría lingüística conforme al espíritu de las ecuaciones newtonianas, Lacan respondió: «Soy poeta». Los alumnos de Lacan son los que transformaron la matematización en un proyecto para seguir al pie de la letra. En Lacan había un lugar para la astucia de los poetas.” (Mannoni, 1983, p. 47)

Às vezes me surpreendo deslendo Pessoa, ou Campos, a quem o poeta chamou de *o mais histericamente histérico em mim*, quando leio o que Lacan quis dizer, ao retomar a investida de Freud nos domínios da linguagem – os domínios do seu próprio campo.

Pessoa abandona a sinceridade da sua fala, para encontrar no fingido discurso do poeta, que se finge outro, a *pessoa perdida*. Lacan rejeita o significado do discurso ouvido, a verdade consensual da cultura, para buscar no significante uma outra formação de sentido: o sentido ocultado do sujeito da psicanálise – o inconsciente. É por isso que ele escuta o vazio (?) do significante pleno: o som da letra no lugar do significado. Aqui é Freud quem fala pela boca de Lacan (1978, p. 283): “Lá se surpreende o sujeito que nos interessa posto que ao atar-se na significação, ei-lo alojado na insígnia do pré-consciente.”

Aquilo que Freud chamou de representações verbais ocorre no nível do pré-consciente, como bem acentua Lacan ao rejeitar trabalhar com a significação. Indo à procura do significante puro, desprovido de associação

com seu outro lado, o significado, o que nos parece uma proposta semiótica impossível, converte-se em método para surpreender as formulações no nível do inconsciente, sem o conteúdo que a cultura lhe impõe. Quando evoco o significado que a língua ensina, não faço mais do que usar a razão para compreender as coisas do modo habitual. Nada me assegura que, assim, estou dizendo a minha verdade, mas a verdade que convém dizer: a verdade possível, aceitável. Eis um retorno radical ao significante, “cheio de som e fúria, significando nada” – conforme o verbo shakespeariano.

Já no *Projeto de 1895*, no tópico que trata da consciência, vemos que esta é uma consequência da linguagem: o meu saber, a minha consciência é um reflexo da minha fala. Seguindo esta direção, no ensaio *O inconsciente*, escrito vinte anos depois do *Projeto*, Freud afirma que a representação consciente é formada pela representação da palavra e pela representação da coisa. Se a representação da palavra é o que Saussure chama de imagem acústica, a representação da coisa corresponde

à imagem mental. Essa última “consiste na catexia, se não das imagens diretas da memória da coisa, pelo menos de traços de memória mais remotos derivados delas [...]. Agora parece que sabemos de imediato qual a diferença entre uma apresentação consciente e uma inconsciente.” (Freud, 1915, p. 229) Nos “Extratos dos documentos dirigidos a Fliess” podemos ler as cartas de número 46 e 79, onde a questão é tratada de forma epistolar. (Freud, 1896, p. 314) E, para um levantamento do problema pode-se ler o livro *O lugar da linguagem na teoria freudiana* (Seixas, 1997, p. 15-24) ou ainda, em edição eletrônica, (Seixas, 2016).

Assim, os equívocos e ocultamentos contidos no discurso serão os mesmos do sujeito consciente que a cultura traduz. Muito antes de Freud, Bacon (1620, p. 15) já havia levantado a questão com os *idola fori, idola tribus, idola specus e idola theatri*, para quem “Não há nenhuma solidez nas noções lógicas ou físicas. *Substância, qualidade, ação, paixão*, nem mesmo *ser*, são noções seguras. Todas são fantásticas”. E acrescenta, mais adiante:

“É falsa a asserção de que os sentidos do homem são a medida das coisas. Muito ao contrário, todas as percepções, tanto dos sentidos como da mente, guardam analogia com a natureza humana e não com o universo. O intelecto humano é semelhante a um espelho que reflete desigualmente os raios das coisas e, dessa forma, as distorce e corrompe.” (Idem, p. 21)

Pensando Pessoa, pode-se dizer: minha consciência é meu erro, minha verdade é minha mentira, fingir é conhecer-se.

Ver ainda o quer diz Bacon, na p. 22:

“Nem as definições, nem as explicações com que os homens doutos se munem e se defendem, em certos domínios, restituem as coisas ao seu lugar. Ao contrário, as palavras forçam o intelecto e o perturbam por completo. E os homens são, assim, arrastados a inúmeras e inúteis controvérsias e fantasias.”

E, por fim, na p. 25:

“O intelecto humano não é luz pura, pois recebe influência da vontade e dos afetos, don-

de se pode gerar a ciência que se quer. Pois o homem se inclina a ter por verdade o que prefere. Em vista disso, rejeita as dificuldades”.

Daí a proposição de Jacques Lacan no artigo “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”: “O inconsciente é esse capítulo de minha história que é marcado por um branco ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado.” (Lacan, 1978, p. 124)

Como um poeta que se fez divisor de águas entre o corpo de ideias do século dezenove e o do século vinte, antecipa na sua obra de criação as questões que a posteridade enfrentaria?

“Dizem que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração.

Tudo que sonho ou passo,
O que me falha ou finda,
É como que um terraço

Sobre outra coisa ainda.
Essa coisa é que é linda.”
(Pessoa, 1972, p. 165)

É esse mesmo poeta que, a despeito de toda uma tradição lírica centrada nos bons sentimentos e na celebração do *eu*, deseja *outrar-se*, conforme as implicações do verbo por ele inaugurado. A poética da despersonalização fundada por Pessoa é um projeto para dar a voz ao Outro, no âmbito do texto.

“Livre do meu enleio
Sério do que não é.”

Mas o que ele buscava desesperadamente no Outro era o encontro consigo mesmo: “Não sei quem sou, que alma tenho. Quando falo com sinceridade não sei com que sinceridade falo. Sou variamente outro do que um eu que não sei se existe”, escreve Pessoa (1976, p. 81) na nota intitulada “Os outros eus”, nas *Obras em Prosa*. Sua busca de identidade a partir da alteridade é idêntica à dos três detentos, nas costas dos quais o diretor da

prisão colocou três discos iguais, escolhidos entre três brancos e dois pretos, para que, fundados em motivos lógicos descobrissem a cor do disco que carregavam. Como sublinha Lacan (1978, p. 80), no artigo “O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada (Um novo sofisma)”, ao apresentar a situação, erigida à categoria de situação exemplar, arquetípica, pelo que remete ao geral, “um não se reconhece senão no outro”.

“Não meu, não meu é quanto escrevo.

A quem devo?”

(Pessoa, 1972, p. 164)

A indagação se repete ao longo da obra de Pessoa ortônimo e dos heterônimos, como forma constante, ou bordão, de lembrar a clivagem do eu poético, não mais contido no eu do poeta. Se a lírica lusa até então cantava a saudade do cantor, Pessoa quer sua poesia sendo instrumento do discurso do outro, do grande Outro. O poeta sabe que, quando ele fala, é a cultura que fala através da sua fala. São os fantasmas, os muros cobertos de mus-

go e as coisas silenciosas que ganham voz na sua voz.

“E eu sinto a minha vida de repente
Presa por uma corda de Inconsciente
A qualquer mão noturna que me guia.

Sinto que sou ninguém salvo uma sombra
De um vulto que não vejo e que me assombra,
E em nada existo como a treva fria.”

(Pessoa, 1972, p. 129)

Como perceberam os linguistas pós-saussurianos, é a língua que fala através do falante. Segundo Wartburg, quando a criança aprende a falar está também aprendendo a conhecer o espírito objetivo depositado na língua. Ou ainda, é

“a língua, com toda a mentalidade nela pré-formada, que se apropria do jovem, à medida que ela nele encontra um novo receptáculo ao seu dispor. Ela molda o seu pensamento; é ela que se torna a senhora de seu pensamento. Dizemos ‘dominar uma língua’, mas na verdade é a língua que nos domina”. (Wartburg & Ullmann, 1943, p. 190)

Leia-se, ainda, no mesmo lugar:

”Enquanto no reino orgânico a vida se acrescenta à vida de forma contínua e individual, a vida psíquica, por seu lado, a consciência, a formação espiritual se recriam novamente em cada indivíduo. A vida do espírito, tal como ela se exprime na língua, apresenta uma continuidade supra individual, e essa continuidade de certa forma se apresenta bem visível.”

De acordo com a teoria de Walther von Wartburg, toda vez que surge uma nova vida humana, o espírito coletivo que vive na língua transforma e modela esse indivíduo. Mesmo quando ele consegue se expressar de modo original, manifesta a originalidade do outro, “presa por uma corda de Inconsciente”... diria Pessoa.

O mito que o homem tece é o mesmo que tece a todos, já o vimos nas demonstrações de Lévi-Strauss, quando faz a distinção entre os mitos sociais e o mito individual do neurótico.

“O Inconsciente deixa de ser o inefável refúgio das particularidades individuais, o depo-

sitário de uma história única, que faz de cada um de nós um ser insubstituível. Ele se reduz a um termo pelo qual nós designamos uma função: a função simbólica, especificamente humana, sem dúvida, mas que, em todos os homens, se exerce segundo as mesmas leis; que se reduz, de fato ao conjunto destas leis.” (Lévi-Strauss, 1958, p. 222)

A distinção sugerida por Lévi-Strauss, que separa a mitologia de um povo, coletiva, socializada, da mitologia enquanto propriedade privada ou tesouro do indivíduo, é também trabalhada por Lacan (1953, p. 47) em *O mito individual do neurótico*.

Aí o caminho seguido pelo poeta moderno; por Pound e Eliot, pertencentes a um contexto exemplar de ideias e teorias que construiriam o pensamento do século vinte; por Pessoa, ponto de luz solitária no universo saudosista de Lisboa. Se antes, a poesia voltada para o interior do homem, para o eu profundo, se esgotava na subjetividade pura, com o poeta moderno, o mergulho pelas regiões inconscientes representa o resgate de gregariade. A lírica deixa de ser o *refúgio das parti-*

cularidades individuais para marcar o reencontro do homem com a civilização, seu lugar edênico e seu mal-estar.

DA SENSIBILIDADE E DO DISCURSO DO OUTRO

A concepção da individualidade como barreira ou defesa oposta ao poder do Outro – ou lugar de especificidade original – perde prestígio perante a busca de pontos de contato entre os indivíduos, substituindo a subjetividade pura pela intersubjetividade.

“Tudo que se passa numa mente humana, de algum modo análogo se passou já em toda outra mente humana. O que compete, pois, ao artista que quer exprimir determinado sentimento, por exemplo, é extrair desse sentimento aquilo que ele tenha de comum com os sentimentos análogos dos outros homens, e não o que tenha de pessoal, de particular, de diferente desses sentimentos.” (Pessoa, 1976, p. 248)

Essas observações de Pessoa aparecem numa projetada “Introdução à Estética”, de 1925, onde ele chama atenção para o fato da sensibilidade ser *passageira e local*, bem como a interpretação que dela procede.

Coerente com tal ponto de vista é a posição que o poeta volta a defender numa carta a Miguel Torga, de junho de 1930, com referência à publicação de *Rampa*, segundo livro de poemas do então integrante do grupo de *Presença*. Partindo do pressuposto segundo o qual toda arte se baseia *essencialmente na sensibilidade*, que é *pessoal e intransmissível*, Pessoa apresenta uma síntese bastante clara das suas ideias, no que diz respeito à sensibilidade e à dialética motora do binômio pessoal / impessoal:

“Para se transmitir a outrem o que sentimos, e é isso que na arte buscamos fazer, temos que decompor a sensação, rejeitando nela o que é puramente pessoal, aproveitando nela o que, sem deixar de ser individual, é todavia suscetível de generalidade, portanto, compreensível, não direi já pela inteligência, mas ao menos pela sensibilidade dos outros.” (Pessoa, 1976, p. 359)

É oportuno transcrever trechos, embora longos, dessa carta de Pessoa a Miguel Torga (que então usava o nome civil Adolfo Rocha):

“Meu prezado Camarada:

Recebi a sua carta que agradeço, e vou procurar expor em frases sem imagens o sentido daquilo que lhe havia escrito. Devo explicar, antes de mais nada, que, tendo tardado já uns dias em agradecer o seu livro, escrevi uma carta rápida, para não demorar mais. Sucede que, quando escrevo rapidamente, isto é, sem ter tempo de desdobrar em razões o que digo, e concisamente, por escrever rapidamente, o que escrevo assume naturalmente uma forma metafórica, e não lógica. Isto lhe explicará a confusão ou a obscuridade, que necessariamente existiria na minha carta. O que não havia nela era o dogmatismo que parece supor que continha. Nunca sou dogmático, porque o não pode ser quem de dia para dia muda de opinião, e é, por temperamento, instável e flutuante.” (Pessoa, 1976, p. 358)

E prossegue, nas duas páginas posteriores:

“Em substância, e expondo discursivamente, o ponto de vista que lhe expus é o seguinte:

1) Toda a arte se baseia na sensibilidade, e essencialmente na sensibilidade.

2) A sensibilidade é pessoal e intransmissível.

3) Para se transmitir a outrem o que sentimos, e é isso que na arte buscamos fazer, temos que decompor a sensação, rejeitando nela o que é puramente pessoal, aproveitando nela o que, sem deixar de ser individual, é todavia suscetível de generalidade, portanto, compreensível, não direi já pela inteligência, mas ao menos pela sensibilidade dos outros.

4) Este trabalho intelectual tem dois tempos: a) a intelectualização direta e instintiva da sensibilidade, pela qual ela se converte em transmissível (é isto que vulgarmente se chama «inspiração», quer dizer, o encontrar por instinto as frases e os ritmos que reduzam a sensação à frase intelectual (tirem da sensação o que não pode ser sensível aos outros e, ao mesmo tempo, para compensar, reforçam o que lhes pode ser sensível; b) a reflexão crítica sobre essa intelectualização, que sujeita o produto artístico elaborado pela «inspiração» a um processo inteiramente objetivo – construção, ou simplesmente conceito de escola ou corrente.

5) Não há arte intelectual, a não ser, é claro, a arte de raciocinar. Simplesmente, do traba-

lho de intelectualização, em cuja operação consiste a obra de arte como coisa, não só pensada, mas feita, resultam dois tipos de artista: a) o inspirado ou espontâneo, em quem o reflexo crítico é fraco ou nulo, o que não quer dizer nada quanto ao valor da obra; b) o reflexivo e crítico, que elabora, por necessidade orgânica, o já elaborado.

Dir-lhe-ei, e estou certo que concordará comigo, que nada há mais raro neste mundo que um artista espontâneo – isto é, um homem que intelectualize a sua sensibilidade só o bastante para ela ser aceitável pela sensibilidade alheia; que não critica o que faz, que não submete o que faz a um conceito exterior de escola ou de modo, ou de «maneira», não de ser, mas de «dever ser.» (Pessoa, 1976, p. 359-360)

Daí a importância efetiva, no contexto da obra pessoana, do mais que conhecido poema “Autopsicografia” e das discussões acerca da insinceridade do poeta. Se hoje o assunto tem sabor de pão espiritual requentado, ele se reveste de interesse e atualidade em qualquer tentativa de compreensão do pensamento estético de Fernando Pessoa, desde quando, para isto, temos que recorrer ao ambiente cultural no qual foi produzido.

Sabemos que a civilização burguesa – romântica, portanto, – privilegia a individualidade e a subjetividade asséptica, quase sempre elevadas à categoria totêmica dos mitos. O *eu*, enquanto divindade matriz, vive o sonho do seu culto no século vinte e constrói o homem pós-romântico para servir de templo onde se celebra e difunde essa fé laica. O poeta seria uma pálida espécie de sacerdotisa histórica do deus Ego – Narciso cego à própria feiura.

Como então querer possível a essa mesma cultura aceitar um poeta despersonalizado, que não canta as belas paisagens dos seus sentimentos, mas o abstrato sentimento do mundo? Como chamar de fingimento à expressão, tão caracteristicamente portuguesa, dos mais doridos lamentos de sua majestade o ego? Como rimar, num mesmo verso, e ainda num só momento, sentimento e fingimento? Como ser Pessoa, não sendo ninguém e sendo tudo ao mesmo tempo?

Por essas e outras perguntas, ainda então irrespondíveis, o jovem crítico literário da revista *A Águia* teve que desistir da função de arauto da Nova Renascença Portuguesa, para

ser o profeta de óculos na terra do grande calho.

Na quarta parte do ensaio “A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico”, Pessoa volta ao tema recorrente da sua própria obra: a alteridade. A substituição do individual pelo social é um corpo inusitado no contexto de um pensamento, com fortes tendências aristocráticas, como o que nos é revelado nos escritos pessoanos em prosa. Contraditoriamente, conforme o usual na obra desse poeta mutante, ele vai ser o responsável pela introdução do sentido coletivo na consciência dos escritores e críticos portugueses. Se o socialismo utópico de Proudhon e o ideal proletário que sustenta o comunismo de Marx e Engels podem ser responsáveis pelo processo de substituição do primado do indivíduo pelo da coletividade na ideologia da modernidade, Pessoa, com sua pronunciada aversão ao comunismo, vai assumir uma prática poética que pode ser integralmente absorvida como um dos mais saudáveis alimentos da crítica marxista.

Como o grande poeta assume seu compromisso maior com o homem, e não com as con-

figurações ideológicas da realidade imediata, ele pode assumir uma prática aparentemente desprovida de sentido político. A sua *polis* não é a cidadela da conveniência imediata ou do limite do olhar. Quando Platão verberou solene: “Eu sou cidadão de Atenas”, a resposta de Sócrates foi gravada na voz do vento: “Eu sou cidadão do mundo”. (Platão apud Moura, 1970, p. 115)

Por isso, Óscar Lopes (1986, p. 28) reconhece em Pessoa

“o poeta que melhor nos abriu as portas de um mundo a refazer, com uma sensibilidade que, hoje, tem de ser ainda mais radical. Poeta, no fundo, da desesperança nos últimos deuses, ele ajuda-nos a esperar das nossas próprias forças aquilo que nem as religiões positivas ou ocultas prometem, porque nasce aqui e agora da luta de classes, do refazer correlativo e prático de ti e de mim, sobre determinações materiais que hoje sabemos também íntimas ao nosso próprio sentir pensando.”

No texto “O perigo do romantismo”, depois de considerar que o “século vinte encon-

trou diante de si, herdado do século que o precedeu, um problema fundamental – o da conciliação da Ordem, que é intelectual e impessoal, com as aquisições emotivas e imaginativas dos tempos recentes”, Pessoa (1976, p. 293) acredita que a literatura de Portugal apontava a saída para a modernidade.

Sendo um declarado admirador da estética clássica e dos modelos gregos, o romantismo aparece como vilão constante nos textos teóricos pessoanos. O estilo de época da burguesia ascendente viria não só romper o equilíbrio alcançado pela arte, mas inserir, no âmbito dos valores estéticos, critérios equívocos ou perversos. A saída para a modernidade, apontada pela pátria capital do Quinto Império, estaria na poética do supra Camões – do poeta ou dos poetas supremos da nova corrente.

Após parte da infância e da juventude vivida na África do Sul, onde cursou os estudos hoje chamados de primeiro e segundo graus, ele retorna a Portugal para ingressar no curso superior de Letras. No primeiro artigo publicado na sua língua e no seu país, “A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico”, o

jovem Fernando lança uma espécie de desafio, quando anuncia premonitoriamente o advento de si mesmo.

E Pessoa jogava suas cartas no surgimento de uma figura constelar:

“Por outras palavras: se aquilo se verificar, terá já começado a dilatação da alma europeia que representará uma Nova Renascença, ainda que essa dilatação exista, por enquanto, apenas na alma do país donde essa Nova Renascença raiará para o que na Europa estiver acordado para receber.” (Pessoa, 1976, p. 388)

Quem mais, na árida areia do saara português, além do próprio poeta-crítico, estaria munido das antenas da raça, apontadas por Pound? (1970) Antenas que, na linguagem de McLuhan (1964), são capazes de transformar o mundo na aldeia global da metáfora criadora.

A resposta é evidente: somente um poeta plural. Um poeta que, sendo um, é também toda uma literatura. Somente aquele que, mais tarde, poderia ser incluído por Jakobson “no rol dos artistas mundiais nascidos no curso dos anos oitenta: Picasso, Joyce, Braque, Stravins-

ky, Khliébnkov, Le Corbusier.” No estudo “Os oxímoros dialéticos de Fernando Pessoa”, o autor de *Mensagem* não apenas é reconhecido fora das fronteiras do pequeno Portugal, como também figura num lugar ímpar entre seus pares. O formalista russo não hesita em situar o poeta plural num lugar privilegiado, síntese da despersonalização e da modernidade: “Todos os traços típicos dessa grande equipe encontram-se condensados no grande poeta português”. (Jakobson & Picchio, 1970, p. 94)

Podemos rejeitar as formulações de Pessoa nos textos de estética, filosofia e auto interpretação, naquilo que há de contraditoriamente conservador na sua consciência; naquilo que é próprio da sociedade portuguesa e dos meios objetivos formadores da sua identidade. Mas, ao passar da teoria à prática, esse mesmo escritor de um país periférico é iluminado pela clarividência do gênio que a si mesmo ultrapassa, desconhecendo fronteiras e transgredindo seus limites e sua história pessoal e social.

Numa carta a Luís de Montalvor, companheiro de aventura órfica, ele anuncia: “O poeta é o que sempre excede o que pode fa-

zer.” Estas palavras de Pessoa (1976, p. 271), ditas ao correr da pena, são cotidianamente confirmadas pela posteridade. O escritor e psicanalista Hélio Pelegrino se apossa de uma definição que pode ser integralmente aposta ao caso: “O crítico naquilo que escreve, sabe mais do que diz, ao passo que o artista criador, em sua obra, diz mais do que sabe.” Isto se dá – continua o psicanalista-poeta – porque

“o crítico se move, predominantemente, na área consciente e reflexiva do seu psiquismo, enquanto que o artista criador, em seu mergulho poético, ordenha leite da escuridão, isto é, toma contato pleno com o registro inconsciente de sua atividade mental, cujas fantasias e desejos nem sempre são redutíveis ao tipo lógico-discursivo de conhecimento que caracteriza o funcionamento da consciência. O crítico é sempre capaz de *explicar* o seu texto, segundo os critérios claros e distintos que definem a dimensão cartesiana da mente. A malha de referências que usa é denotativa, visando à precisão, à discriminação, ao desbastamento de ambiguidades e polissemias. Já o artista criador é *explicado* pela obra que faz, muito mais do que é capaz de explicá-la.

A linguagem criadora é carregada de noite, de refrações simbólicas, de confusos rumores, cuja crepitação jamais se deixa capturar pela fome de univocidade que define o pensamento consciente.” (Pelegrino, 1974, p.193)

A voz que fala na poesia impessoal de Pessoa não é mais a voz do cantor lisboeta, mas a voz do homem que não viu o muro de Berlim e caminhou para além da fronteira; do homem identificado com as forças cósmicas capazes de transformar em palavra plena o silêncio de antes e de depois, reunindo numa atemporalidade mágica – mítica, como suas vozes várias – as difusas percepções do ser primitivo e as confusas fabulações da civilização sonhada.

Como a linguagem é a morada do ser – conforme insiste a máxima heideggeriana –, ao abandonar a linguagem lógica da ciência e da prática do seu tempo, e caminhar pela floresta de símbolos da poesia, um incerto Fernando Antonio faz-se Pessoa.

O que Nelly Novaes Coelho chama de *dialética de ser-em-poesia* harmoniza-se com a concepção de Heidegger. Senão, vejamos o que ela diz a respeito da opção feita pelo poeta de

realizar no campo da linguagem a plenitude vivencial do ser demissionário de qualquer outro espaço que não o simbólico:

“Foi alguém que, no plano criador, viveu dialeticamente todas, ou quase todas, as possibilidades de Ser e de Estar-no-mundo, que os tempos e as diferentes culturas têm oferecido como opção aos homens.” (Coelho, 1983, p. 13)

Assim é que esse ímpar e múltiplo morador da linguagem migra, da protegida caverna de palavras e sentidos do seu tempo, para os arredores do imprevisto.

Dessa outra linguagem, que transgride a lógica da língua histórica de Portugal, sai o ser que fala o silêncio do nosso espanto e diz o que antes dele apenas era pressentimento e bruma. Como no milagre maior descrito por João, no Evangelho, o verbo se fez carne e habitou entre nós. O poeta, no sésamo da sua palavra, tornou substância da cultura o sonho difuso que o verbo colheu.

A prática criadora de Pessoa intui que as figuras formativas da linguagem não são sim-

ples divertimentos de adultos nem joias para enfeitar o pensamento: a metáfora é como a nave exploratória, que ultrapassa a atmosfera respirável e vence o vazio escuro, em busca de novas formas de vida. Instrumento impreciso e intenso do conhecimento, a metáfora é a nau descobridora. Os olhos dos tripulantes, embaçados pela brusca bruma, captam imagens distorcidas, fantasmas. Mas, pelo condão da palavra inaugural, veem o que outros olhos não viram ainda, transmutando a visão difusa em objeto esculpido na pedra pela densa luz do dia.

Percebendo a vantagem de uma biografia poética, isto é, pertencente ao universo da criação e não da vida civil e tributável, um incerto Fernando comporia para os modernistas da *Presença* a sua grande peça ficcional: o drama em Pessoa.

A SETA E O ALVO OU O OLHAR NO ESCURO

Mesmo quando o estudioso da obra literária não discute a natureza do processo de criação, que vai do inconsciente ao intencional, a compreensão das possíveis vertentes do foco de luz criadora perpassa e direciona o trabalho crítico.

Tomemos como polaridades dois leitores privilegiados da obra pessoana: Georg Rudolf Lind, pela organização exemplar do seu método de trabalho, que confere rigor e erudição à ciência do texto literário, e, na outra margem do rio, a terceira, Leyla Perrone-Moisés, que faz da escritura crítica um lugar onde a vista longe avista pela claridade especular que irradia.

Convém sublinhar a condição de crítico-criador assumida por Leyla que, desassumindo o papel de leitor-subsidiário aceito pela generalidade das correntes acadêmicas, inscreve a atividade crítica como discurso intertextual. Revelando o trato da crítica, desde a função tradicional, de inteira dependência ao texto de criação tomado como objeto, ela propõe:

“Mas essa dependência, como todas as dependências, acaba por inverter os papéis. Para usar uma imagem maldororiana, diremos que o crítico é uma espécie de vampiro que suga o sangue do criador para nutrir as veias de seu discurso paralelo. Parasita hipócrita (um pio-lho, diria Lautréamont), porque ao mesmo tempo que finge estar a serviço do escritor, tem a secreta pretensão de concorrer com ele e suplantá-lo.” (Perrone-Moisés, 1978, p. 58)

A propósito da ironia contida na confissão crítica exemplar, observe-se a escritura da autora no texto dedicado ao *Livro do desassossego*, de Bernardo Soares, ou ainda na “Lição de casa”, posfácio à edição brasileira da *Leçon*, de Barthes. Em ambos os casos a escritura-crítica

da autora não fica a dever à qualidade dos textos tomados como ponto referencial de partida. Tanto no texto sobre Barthes quanto no dedicado a Bernardo Soares, Leyla Perrone-Moisés não se limita a estar a serviço do autor estudado: seu texto parece *concorrer com ele e suplantá-lo*.

Georg Lind encontra na obra pessoana uma significativa correspondência entre teoria e prática, apontando no texto poético o resultado de preocupações teóricas expressas. A evolução da técnica na escrita de Pessoa seria uma resposta aos planejados movimentos literários, que o poeta queria transformar em escolas. Pauísmo, sensacionismo, paganismo são tentativas de estabelecimento de vertentes que, se falharam, por não encontrarem seguidores que lhes dessem sustentação, serviram para animar a inquieta produção heteronímica, e lapidar a escrita ortônima.

“Não é por acaso que Pessoa começa a sua carreira de escritor como crítico”, observa Lind (1970, p. 15), a propósito dos três polêmicos ensaios, escritos para a revista da *Nova Renascença Portuguesa*.

Há um poema, publicado em 1914, que é apontado por leitores pessoanos, desde Cleonice Berardinelli, passando por Nelly Novaes Coelho, até Georg Rudolf Lind, como dos mais bem realizados textos ortônimos:

“Ela canta, pobre ceifeira,
Julgando-se feliz talvez;
Canta, e ceifa, e a sua voz, cheia
De alegre e anônima viuvez,

Ondula como um canto de ave
No ar limpo como um limiar,
E há curvas no enredo suave
Do som que ela tem a cantar.

Ouvi-la alegre e entristece,
Na sua voz há o campo e a lida,
E canta como se tivesse
Mais razões pra cantar que a vida.

Ah, canta, canta, sem razão!
O que em mim sente está pensando.
Derrama no meu coração
A tua incerta voz ondeando!

Ah, poder ser tu, sendo eu!
Ter a tua alegre inconsciência,
E a consciência disso! Ó céu!
Ó campo! Ó canção! A ciência

Pesa tanto e a vida é tão breve!
Entra por mim dentro! Tornai
Minha alma a vossa sombra leve!
Depois, levando-me, passai!”
(Pessoa, 1972, p. 144)

Guardando intocada a tentação de acompanhar os passos do poema – onde Pessoa traça o contorno de um tema matriz da teoria da literatura pós-freudiana: a tensão entre consciência e inconsciência –, veja-se o comentário feito por Pessoa em carta do dia 4 de janeiro de 1915 a Cortes-Rodrigues:

“Amo especialmente esta última poesia, a «Ceifeira», onde consegui dar a nota páflica em linguagem simples. Amo-me por ter escrito: «Ah, poder ser tu, sendo eu! / Ter a tua alegre inconsciência / E a consciência disso!» e, enfim essa poesia toda.” (Pessoa apud Lind, 1970, p. 52)

A tese defendida por Georg Rudolf Lind descarta a febre dionisiaca na criação pessoana, atribuindo a mais um “fingimento” apolíneo do poeta o cultivo, intencional, tecido pela razão, da sua própria lenda de autor involuntário de vozes do outro. Percebendo a vantagem de uma biografia poética, isto é, pertencente ao universo da criação e não da vida civil e tributável, Fernando comporia para os modernistas da *Presença* a sua grande peça ficcional: o drama em Pessoa. Longe de deixar armados os andaimes da construção, ou a ossatura teórica do texto, ele desmente os versos que, despiando, diz o inverso:

“Que cerquei com um andaime
A casa por fabricar.”
(Pessoa, 1972, p. 159)

Apagando as marcas deixadas pelos pés que procuram o caminho, aparece apenas o rastro de uma caminhada sem rumo, natural como o curso dos passos pelo chão. Se é verdadeira a suspeita de Lind que toda construção pessoana é precedida por um projeto bem mais pensa-

do do que o texto permite supor, teremos um movimento em sentido contrário ao empreendido por outro engenheiro do texto: Edgard Allan Poe. Esse romântico incomum ia buscar na razão os ingredientes para precipitar a emoção do público leitor e procurava sempre, ao contrário do que era usual no ambiente literário da época, acentuar a natureza intencional da sua composição. Passemos a palavra a Poe, através do texto “Filosofia da composição”:

“A verdade é que a originalidade (a não ser em espíritos de força muito comum) de modo algum é uma questão, como muitos supõem, de impulso ou de intuição. Para ser encontrada, ela, em geral, tem que ser procurada trabalhosamente e, embora seja um mérito positivo da mais alta classe, seu alcance requer menos invenção que negação.” (Poe, 1965, p. 917)

Além disso, Poe procurava convencer o público de que tudo que está no texto está na consciência do autor, não deixando lugar para aquilo que ultrapassa o projeto e se inscreve

no espaço de transgressão. Defensor de uma teoria próxima à de Poe, Pessoa, em alguns momentos da sua vida, ou melhor, da sua encenação, despistaria o público, procurando ocultar o trabalho artesanal da escrita de poeta dramático.

No livro *Teoria poética de Fernando Pessoa*, Lind destaca duas operações contrárias no fingimento do poeta: num primeiro momento, a busca da teoria como porto seguro às naus que lança ao mar desconhecido da criação; e, num segundo, a procura de um ancoradouro distante dos olhos curiosos, que só viriam os barcos na linha do horizonte com o mar, cercados de ventos e histórias várias. Desvairadas.

Esse segundo momento seria mera mentira aos olhos de Lind: “tenta causar a impressão de os heterônimos terem nascido dum jogo de forças instintivo e inconsciente.” E prossegue, falando da correspondência de Pessoa com os poetas do segundo modernismo português, onde as linhas da ficção fernandina se enredam:

“Não há pois, na carta, uma única referência aos programas estéticos literários que ori-

ginalmente, tal como no-lo mostra o espólio, apadrinharam o nascimento dos heterônimos. Não nos repugna concluir que o poeta manhoso se decidira, em 1935, a cultivar conscientemente a sua própria lenda, apresentando-se aos amigos mais jovens como o pai involuntário de três personagens poéticas e ocultando, propositalmente, todas as considerações de ordem teórica e programática que haviam precedido o nascimento delas.” (Lind, 1970, p. 96)

E, por fim, arremata:

“Julgamos ter demonstrado com suficiente clareza que o nascimento dos heterónimos derivou, sobretudo, do propósito de querer concretizar certas posições literárias, cuja necessidade parecera evidente ao poeta num determinado momento histórico europeu. Visto tratar-se de tendências divergentes, cada uma delas só podia ser expressa por uma parte do Eu poético. Não queremos com isto dizer que os primeiros poemas de Alberto Caeiro não possam ter sido escritos, realmente, dum só jacto, sob a ação duma inspiração súbita; do que estamos convencidos é que esta inspiração só se tornou possível depois de Pessoa ter

concebido mentalmente qual o rumo a seguir na sua produção literária.” (Lind, 1970, p. 98)

Se esse momento seria mera mentira ou vero fingimento aos olhos de Lind, algum outro seria, por acaso, mais verdadeiro? A escritura finge tão completamente que chega a fingir que é verdade a verdade que pressente. Numa obra inteiramente imprevista, que desarticula noções habituais e desmonta as possíveis relações entre obra e biografia, por destruir a identidade do biografado e criar uma biografia para o personagem de ficção encarregado de assumir o lugar do *eu* lírico, o grão da verdade sólida se desmancha no ar, como tudo que é absoluto para as configurações usuais da cultura. *A Verdade nem veio nem se foi: o Erro mudou*. Daí a queda de qualquer voo polar sobre o oceano da obra de Pessoa. Nada que se afirme sem se negar permanece de pé. Toda coerência cartesiana é descartada.

Os mal sucedidos movimentos estéticos esboçados por Pessoa reúnem os mais diversos traços e vertentes da modernidade, representando uma primeira tentativa de sistema-

tização de conjuntos estruturais que a teoria e a crítica literária posteriores viriam a sublinhar. Quando Lind censura o projeto demasiadamente abrangente de alguns *ismos* pessoanos, como as definições do interseccionismo, que arrolam a despersonalização como característica fundamental da nova tendência, perde de vista a própria natureza do edifício teórico de Pessoa: *saudosismo*, *pauismo*, *interseccionismo*, *orfismo* etc. são meros patamares, degraus de uma escada visando chegar a um ponto da construção de onde se descortinasse o que até então permanecia desconhecido: o conceito de modernidade. Com esses *ismos* ele tentava compreender, apreender pela razão, a busca inconsciente contida em cada poema.

Daí a convergência entre o pensamento estético pessoano e o de estudiosos da poética como Pound e Eliot, de um lado, e os formalistas russos, do outro. Quando Jakobson estuda, na poesia de Pessoa, a presença do oxímoro – ou da busca de conciliação de realidades conflitantes, como a que deriva da escolha da cultura, e uma outra, iluminada pelas contingências do Homem – vê-se tentado a

deixar o universo do texto de criação pessoal para resgatar aspectos de uma teoria estrutural inteiramente integrável à tradição da poética russa, compartilhada por criadores como Maiakovski ou Khliébnikov e críticos como Tinianov ou Brik: a estética fragmentária de Pessoa.

A técnica da intercalação, estudada por Hugo Friedrich como relevante na lírica moderna, é associada ao interseccionismo, por Georg Rudolf Lind, que encontra no enigmático poema “Chuva oblíqua” a bem sucedida prática de uma doutrina preconcebida. O poema seria uma demonstração de virtuosismo poético, ao realizar nas seis partes da sua montagem a sobreposição de dois planos temáticos: a imaginação e a ocorrência. Lind chama esse poema de *paradigma da corrente interseccionista* porque a sua estrutura segue *com nitidez geométrica* uma diretriz fundamental, *a interseção de duas superfícies: uma paisagem vivida e um porto imaginário*. Tal procedimento, segundo ele, não se confunde com a técnica da pintura cubista, que representa, simultaneamente, as diversas superfícies de um objeto.

O processo de intersecção de superfícies diversas não pode ter derivado do cubismo nem pode, legitimamente, ser relacionado com ele. A primazia dada ao sonho no final do poema mostra muito mais que a desvalorização paulista do mundo exterior, em favor dum mundo fictício criado pela imaginação do poeta, continua a existir também no Interseccionismo. O novo estilo de Pessoa está mais próximo do Paulismo do que querem admitir críticos como J. G. Simões.” (Lind, 1970, p. 61)

Por outro lado, é oportuno lembrar que o futurismo corporificou o grande espectro diante do qual o interseccionismo se esbarrava. Um movimento de cunho europeu, que se pretendia carro chefe da arte moderna, servia para abarcar sob seu rumor vanguardista toda tendência inovadora sem grande ressonância junto ao público e à crítica. Mesmo os artistas que gravitavam em torno do centro constelar pessoano, como Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros e até mesmo Armando Cortes-Rodrigues e Santa-Rita Pintor, que poderiam ser os grandes canais de difusão do

interseccionismo, desconheciam as linhas divisórias das ideias sistematizadas por Pessoa e daquelas que constituíam a doutrina futurista.

Isso explica a confusão entre interseccionismo, cubismo e futurismo em textos de criação, como o poema “Manucure”, de Sá-Carneiro:

“Meus olhos ungidos de Novo,
 Sim! meus olhos futuristas,
 meus olhos cubistas,
 meus olhos interseccionistas.”
 (Sá-Carneiro, 1974, p. 137)

Alphonsus de Guimaraens Filho, na edição anotada da Aguilar da poesia de Sá-Carneiro, insere a seguinte nota de pé-de-página: “Fernando Pessoa disse que este poema foi feito com intenção de *blague*. Tem razão Cleonice Berardinelli [...], quando assevera que «se houve *blague* na intenção, a realização foi além – revelou o poeta.»” (Cf. Sá-Carneiro, 1974, p. 134). O possível tom trocista dos versos revela, de qualquer forma, a fusão

interseccionista com os olhares cubofuturistas do momento cultural português, quando a natureza moderna da poética pessoana era diluída na avalanche das novidades estéticas estrangeiras.

Tentando explicar porque as ideias estéticas de Pessoa não formaram escola, como as de Marinetti, por exemplo, Lind constata que falta ao poeta plural a teimosia e a constância indispensáveis para seguir o que foi estabelecido. A inquietação de Pessoa, sempre a esboçar novos planos já abandonados no nascedouro, não permite, inclusive, que suas ideias sejam assimiladas e incorporadas por outros poetas. O engenheiro Álvaro de Campos, no poema “Lisbon revisited”, de 1926, diz palavras que poderiam ter sido ditas por Pessoa, a respeito da questão –

“Nada me prende a nada.

Quero cinquenta coisas ao mesmo tempo.

[...]

Até os meus sonhos se sentiram falsos
ao serem sonhados.

[...]

Compreendo a intervalos desconexos.

[...]

Os meus exércitos sonhados, derrotados
sem ter sido,

As minhas coortes por existir”.

(Pessoa, 1972, p. 359)

– mas, na verdade, esses projetos teóricos não passam de meros esboços incompletos, meras notas à margem da sua obra poética. A energia reunida por Pessoa, a libido, está direcionada para a criação. Os ismos apresentados à vida intelectual lisboeta são talvez fingimentos destinados a justificar a insólita poesia moderna aos olhos antigos e saudosistas. São projetos plenamente cumpridos, mas num outro plano, menos racional que o da teoria: o plano poético.

Convém não supervalorizar – desmedidamente, como se faz – a obra teórica pessoana, nem procurar nela os alicerces e sustentáculos da sua criação. O inverso seria mais prudente: tomar a teoria como a sobra da poesia ou o romper da barragem, a tentativa de traduzir para a língua da cultura aquilo que excede e já

foi dito pela língua da transgressão; sistematizar o difuso descobrimento de novos caminhos pelo vasto mar desconhecido.

O próprio Lind que procura na crítica e na teoria literária de Pessoa a fonte estruturante da poesia aponta o poeta como um crítico medíocre que, por estar permanentemente preocupado com a sua própria obra, não contribuiu com nada de notável para o gênero. Depois de aventar a hipótese da pobreza dos textos críticos de Pessoa ser resultante da deficiência da investigação literária portuguesa e mesmo da ausência de obras de criação dignas de consideração, Lind arremata: “O contato com os melhores críticos literários ingleses do século XIX – Coleridge, Matthew Arnold, Macaulay, J. M. Robertson e, a acrescentar a estes, os americanos Poe e Emerson – não fora suficiente para que Pessoa se tornasse num bom crítico.” (Lind, 1970, p. 230)

Assim, os ensaios inaugurais da revista *A Águia* são vistos como “textos típicos dum jovem, sobrestimados pelos críticos portugueses” (Idem, p. 15). Ora, como então procurar a influência de uma produção teórica e crítica

pouco significativa numa obra da maior consistência, que se constitui num dos grandes exemplos da consciência do artista moderno? Como uma teoria medianamente desenvolvida poderia influenciar uma poesia que é expressão do melhor que o século XX realizou nas literaturas de expressão mundial?

A teoria literária produzida por Pessoa é uma simples consequência do seu trajeto criador inicial, do seu voo cego pelas veredas luminosas do inconsciente. O que ela apresenta de reflexão e maturidade estética é o resultado da tentativa do poeta de fazer a sua obra compreendida pela inteligência da época. De tornar menor a distância entre o gosto estabelecido, o horizonte de expectativa do seu tempo e do seu espaço, e o universo descortinado para os herdeiros do seu legado – que somos todos nós –, leitores de olhos ofuscados pelo raio de luz de um cometa maior da língua.

Apesar do alcance do voo criativo pessoano e da sua liberdade, conquistada longe da lógica e das especulações possíveis ao ambiente intelectual lisboeta, Lind continua procuran-

do, na obra teórica confiada aos cadernos da arca diluviana, os fundamentos de uma intuição poética que, ela sim, serviu de base aos edifícios da razão crítica em Pessoa.

A insistência de Georg Rudolf Lind em compreender a poesia de Fernando Pessoa a partir dos textos de teoria e crítica esboçados pelo poeta, deve-se, provavelmente, ao respeito tributado à lição do seu antigo mestre, Ernst Robert Curtius. Para o autor de *Literatura europeia e idade média latina*, a crítica adquire, no século vinte, a condição de indicativo de toda produção espiritual elevada. (Curtius apud Lind, 1970, p. 301)

Ao aceitar o ponto de vista de Curtius, Lind observa:

“Ao tirar esta conclusão tinha em mente, antes de mais, os grandes poetas da língua francesa e da inglesa; o seu juízo permanece, contudo, igualmente válido para um país situado na periferia europeia, como é o caso de Portugal, segundo comprovam as extensas notas de Pessoa para a teoria poética. O esforço crítico dos poetas modernos não serve apenas para esboçar programas utilizáveis em novas es-

colas literárias e, na mesma ordem de ideias, alcançar uma nova valorização dos seus contemporâneos e dos seus predecessores; ao contrário do que se verificou em séculos anteriores, o poeta do século XX segue com igual atenção os fenômenos relativos à gênese dos seus poemas.” (Lind, 1970, p. 301)

Os mais altos edifícios da inteligência moderna têm como ingrediente da sua argamassa a reflexão crítica. O artista ingênuo, possesso, próximo ao herói romântico cede lugar ao artista-crítico, capaz de incorporar ao discurso consciente as imprevistas centelhas do difuso, contidas no mergulho da criação poética.

Dito em outras palavras, a linguagem do escritor moderno não se pretende adreço do pensamento estabelecido, mas se assume enquanto lugar de fabulação do conhecimento. O salto que vai do artista romântico-realista ao moderno é o mesmo contido no trajeto descrito por Leyla Perrone-Moisés como *distância do mundo em falta à palavra plena*.

Tal percurso é identificado por Leyla no sistema constelar de Pessoa, onde o discurso sobre a linguagem, nos poemas e nas notas em

prosa dos poetas heterônimos e do ortônimo, diverge do uso transgressivo que dela fazem os habitantes da *entourage* pessoana. Nas considerações teóricas do poeta “predomina a concepção da linguagem como instrumento, a serviço da representação ou da expressão”. E prossegue na sua argumentação:

“Ricardo Reis, heterônimo a quem se deve o maior número de páginas teóricas e críticas, tem uma concepção absolutamente clássica da linguagem; como não poderia deixar de ser, em se tratando de um neoclássico «científico», voluntariamente criado por Pessoa.

Para Reis, escrever é «buscar a forma mais precisa que a essência me parece necessitar». Escrever é colocar em palavras o que pensamos ou sentimos: «O que sentimos de verdade dentro de nós, traduzimos para a palavra». O poema, para ele, «é a projeção de uma ideia em palavras através da emoção». Um clássico do século XVII subscreveria tudo isso, e concordaria com os famosos versos teóricos de Reis”. (Perrone-Moisés, 1985, p. 9)

Heterônimos distintos como Reis e Campos estariam unidos pela defesa de um mesmo

fim: *a adequação de uma forma a um conteúdo prévio.*

Motivados por perspectivas contrárias tanto Leyla quanto Lind se referem aos *famosos versos teóricos* da ode publicada no primeiro número de *Athena*, que, altaneira, trombeteia:

“Ponho na ativa mente o fixo esforço
Da altura, e à sorte deixo,
E as suas leis, o verso;
Que, quando é alto e régio o pensamento,
Súdita a frase o busca
E o escravo ritmo o serve.”

(Pessoa, 1972, p. 291)

A respeito desse poema metalinguístico cometido por Reis, vale lembrar um texto da segunda parte de *O grau zero da escritura*, intitulado “Triunfo e ruptura da escritura burguesa”, onde Barthes constata:

“Escritura instrumental, pois a forma era considerada a serviço do fundo, como uma equação algébrica está a serviço de um ato operatório; ornamental, pois esse instrumento era decorado com acidentes exteriores à sua

função, tomados sem escrúpulos à Tradição, ou seja: essa escritura burguesa, retomada por escritores diferentes, não provoca nunca repulsa pela sua hereditariedade, sendo apenas um cenário feliz sobre o qual se eleva o ato do pensamento. Sem dúvida, os escritores clássicos também conheceram uma problemática da forma, mas o debate não dizia respeito à variedade e ao sentido das escrituras, menos ainda à estrutura da linguagem; só estava em causa a retórica, isto é, a ordem do discurso pensado segundo uma finalidade de persuasão.” (Barthes, 1953, p. 148)

Na página 141 ele observa que

“as supostas relações entre o pensamento e a linguagem ficam invertidas; na arte clássica, um pensamento já formado dá à luz uma fala que o «exprime», que o «traduz». O pensamento clássico é sem duração, a poesia clássica possui apenas a que é necessária ao seu arranjo técnico. Na poética moderna, pelo contrário, as palavras produzem uma espécie de contínuo formal do qual emana aos poucos uma densidade intelectual ou sentimental impossível sem elas; *a fala é, então, o tempo espesso de uma gestação mais espiritual, durante a qual o*

«pensamento» é preparado, instalado pouco a pouco pelo acaso das palavras.» (O gripo é nosso).

Considerado isoladamente ou hipostasiado do sistema constelar originário, Reis seria um poeta anacrônico e intempestivo, a exemplo de uma dezena de líricos retardatários que pontilham as literaturas de língua portuguesa. Habilmente transformado em personagem de um grande poeta dramático, a sua sintaxe no contexto da obra pessoana impõe um novo sentido. Peça de uma engrenagem, ele cumpre um papel específico no horizonte em que se delineiam as obras de Caeiro, Campos e Pessoa, enquanto falas de um drama em gente.

Ao inventariar a ótica clássica do Rei Ricardo, quando ele discute a novidade trazida pelo conteúdo da obra de Caeiro, Leyla ironiza:

“Só por um milagre dos deuses é que a forma, em Caeiro, alcança espontaneamente a perfeita adequação à sua alta mensagem. No conjunto, as referências de Reis à forma dos poemas de Caeiro são muito menos numero-

sas do que as considerações sobre sua «mensagem».” (Perrone-Moisés, 1985, p. 10)

A teoria tradicional repetida pelo Dr. Ricardo Reis faz vistas grossas quanto ao fato de toda *mise-en-scene* do Sr. Alberto Caeiro da Silva ser um mero fingimento, o que quer dizer que tal compreensão da linguagem também é ficticiamente urdida com a finalidade de preparar o impacto final da cena poética. Como o fingidor finge tão completamente – que chega a fingir que é verdadeiro o que verdadeiramente sente –, a tentativa de construção de uma teoria, no âmbito da obra de Pessoa, permanece indefinida entre os territórios da ficção e da (in)ciência do texto.

Sabe-se que Caeiro, ao vestir a pele do pastor inculto, rejeita a cultura e a própria linguagem, fenômeno fundador do sujeito heteronímico, que lhe confere existência, enquanto ser do discurso. A inaceitação do mundo da linguagem, por acessório, está fundada na crença tradicional que a palavra é o que sobra da ação. Os males da cultura residiriam todos na *representação do real* pela linguagem.

Concebido o real como perfeito, as distorções são debitadas à língua, na sua prática. Não esqueçamos que a tradição oriental zen, que projeta seus ecos silenciosos na obra de Caetano, acredita possível o trajeto do espírito humano para além da língua, num *continuum* silencioso e obscuro. No âmbito desta ficção múltipla, a teoria tradicional da linguagem precisa ser mantida como faz-de-conta essencial à natureza do heterônimo.

Fatos dessa ordem levam Leyla Perrone-Moisés a afirmar repetidamente que a teoria da linguagem de Fernando Pessoa é tradicional, no que abre exceção para um auxiliar de guarda-livros:

“Ora, há alguém, na *coterie* pessoana, que assume explicitamente essa teoria da primazia absoluta da linguagem por ela mesma sobre a linguagem representativa e expressiva. Esse alguém se chama Bernardo Soares. Em seu *Livro do desassossego* a questão da autonomia e da intransitividade da linguagem literária é levada a extremos que não se encontram nas teorias do ortônimo e dos heterônimos.”

Na mesma página, ela ressalta:

“Entretanto, se a teoria do ortônimo e dos heterônimos acerca da linguagem é tradicional, a própria prática da heteronímia vai apontar para uma concepção moderna da linguagem. O poeta dramático, criador e mestre de suas personagens e respectivas linguagens, dar-se-á cada vez mais conta da perda desse lugar central e regulador, passará a ser instrumento de linguagens relativamente autônomas, não representativas ou expressivas mas produtoras de sentidos e até mesmo de sujeitos novos.” (Perrone-Moisés, 1985, p. 11)

A propósito, Leyla nos lembra a observação de Todorov, segundo a qual a teoria dos românticos alemães ultrapassa a sua prática, no que se aproximam da maior parte das vanguardas programadas, em cujo contexto o projeto é grandioso e a construção inacabada. Se, por um lado, os românticos alemães ficaram a dever perante a expectativa imposta, em contrapartida, propuseram uma teoria da poesia que lhes é posterior em um século. Para a autora, no caso de Pessoa, ocorre o inverso: uma concepção clássica da linguagem serve de referência teórica a uma poesia revolucionária.

“É hoje que sinto
Aquilo que fui.
Minha vida flui,
Feita do que minto.”

(Pessoa, 1972, p. 175)

A tese de Leyla Perrone-Moisés é certamente mais fascinante que a de George Rudolf Lind, mas a presença implícita de uma concepção revolucionária da linguagem e, acrescentemos, da literatura, vai além de Bernardo Soares: ela pode ser igualmente detectada em outros personagens do drama em Pessoa.

Se a concepção da heteronímia já implica, por si mesma, uma teoria produtiva da linguagem, que serve de base a uma nova teoria da literatura, em oposição à tradicional hipótese da representação da realidade, não se pode tomar Bernardo Soares como um caso isolado no sistema poético pessoano. Se, nas notas do melancólico empregado do comércio, a função criadora do real pelo discurso aparece epifanicamente, isto não quer dizer que no restante da obra constelar tenhamos sempre uma concepção clássica da linguagem. Leyla

tem razão quando se refere aos textos teóricos de Pessoa, ele mesmo, ou dramaticamente consubstanciado, fornecendo fortes argumentos para a não aceitação integral da tese de Lind. Mas quando passamos da teoria para a prática poética pessoana, isso é, para aquilo que os textos fazem, não podemos concordar, sem reticências, com as afirmações dessa crítica criativa e exemplar.

Para Jacinto do Prado Coelho, no artigo “As relações entre a linguagem e o real em Fernando Pessoa”, a concepção da linguagem como construtora do mundo dos homens ultrapassa a obra do poeta, quando a noção de realidade é posta em crise.

“Inacessível a si próprio, o homem também não consegue apoderar-se da realidade do mundo, pois este é por natureza irreal, criação ilusória dum Deus inexistente. «Com que realidade o mundo é sonho!» (*Poemas Dramáticos*, p. 111). O pensamento subjacente à obra multiforme de Pessoa poderia definir-se, julgo eu, por um niilismo irónico e amargo. A linguagem surge em consequência como um sistema fechado, que nada tem que ver com

algo exterior a ela. O que as palavras transportam, diz o Fausto pessoano, reduz-se aos sentidos que assumem para o ouvinte ou para o leitor”. (Coelho, 1983, p. 112)

Uma das tarefas mais fascinantes, no âmbito dos estudos pessoanos, é a tentativa de desentranhar a teoria do texto poético em Pessoa; buscar por entre a floresta de símbolos, que é o universo selvagem da criação, os vivos pilares que sustentam o edifício ficcional do poeta. Se a teoria explícita dos textos críticos e estéticos é uma redundante fotografia da tradição, a teoria implícita do fazer poético pessoano é um estímulo e um desafio à moderna investigação literária. Uma outra teoria, que aos poucos a modernidade difunde, está inscrita no texto de criação desse autor manancial da língua portuguesa.

Por outro lado, convém não descartar, na leitura de poemas sensivelmente plurívocos (como alguns sonetos de “Passos da cruz”, o soneto “Súbita mão de algum fantasma oculto” e os poemas ou falas de *Mensagem*), a referência ao lugar da linguagem como força geradora da realidade poemática. Em *Mensa-*

gem, o herói não é somente o personagem histórico que fala, segundo a indicação do título de cada poema, ou o sujeito do enunciado, mas o sujeito da enunciação, que é o vigário da linguagem. Da mesma forma que Leyla reconhece que o poeta dramático se dá conta da perda do lugar central para seus heterônimos, passando a ser *instrumento de linguagens autônomas*, é possível ler nas inscrições do poeta a declaração de soberania da linguagem. Então, vejamos:

“Súbita mão de algum fantasma oculto
Entre as dobras da noite e do meu sono
Sacode-me e eu acordo, e no abandono
Da noite não enxergo gesto ou vulto.

Mas um terror antigo, que insepulto
Trago no coração, como de um trono
Desce e se afirma meu senhor e dono
Sem ordem, sem meneio e sem insulto.”
(Pessoa, 1972, p. 129)

Como os nossos velhos fantasmas habitam a morada heideggeriana do ser, eles se nutrem

com nomes e verbos, assegurando a imortalidade através dessa perene fonte da juventude. Na ausência de corporeidade, nossas projeções se apoderam do incorpóreo corpo da linguagem, adquirindo uma súbita mão de significante. Sabemos, desde Bacon, que a ideologia passa pela linguagem, como hoje se sabe, também, que cumprimos os mandamentos inconscientes das estruturas ideológicas como se cumpríssemos nosso próprio destino. Os desígnios do nosso discurso descem sem ordem e sem insulto.

“E eu sinto a minha vida de repente
Preso por uma corda de Inconsciente
A qualquer mão noturna que me guia.

Sinto que sou ninguém salvo uma sombra
De um vulto que não vejo e que me assombra,
E em nada existo como a treva fria.”
(Pessoa, 1972, p. 129)

Aquilo que Jung chama de inconsciente coletivo e os seguidores de Freud denominam, simplesmente, de inconsciente – posto que o

continuum não é propriedade individual, mas lugar de encontro com o Outro – só se prende, só se amarra, por uma corda ou por uma corrente chamada de linguagem. E os insondáveis limites dessa linguagem são os limites do meu mundo, conforme a proposição basilar do *Tractatus Logico-Philosophicus*, de Wittgenstein. O já citado Freud atribuía à linguagem o papel de construtora da consciência, do mesmo modo que as primeiras definições, hoje em desuso, apontavam a psicanálise como instrumento de conquista progressiva do *id* pelo *ego*.

Redizendo o dito, a linguagem subjaz a toda atividade humana. Que sou eu sem o meu discurso?

Em nada existo como a treva fria. E, no princípio, Deus disse: haja luz. E a luz foi feita, do nada. O mito é o nada que é tudo.

Este vazio do ser, quando não animado pelo espírito da linguagem, que é também o espírito da tribo, da raça, da cultura, ou o guarda-roupa de segunda mão das épocas, de que nos falava Trotsky, é permanentemente tematizado por Pessoa:

“Nada sou, nada posso, nada sigo.
Trago, por ilusão, meu ser comigo.
Não compreendo compreender, nem sei
Se hei de ser, sendo nada, o que serei.”
(Pessoa, 1972, p. 145)

Aí, o caminho da despersonalização, que não deve ser visto como um fato literário avulso, mas imbricado com o questionamento acerca da linguagem. Somente através de uma compreensão tal da linguagem, mesmo não manifesta na teoria, o poeta plural seria possível. Conduzidos pelo texto pessoano, entramos no olho do furacão, no centro da crise da teoria clássica da linguagem. Por isso, esse negar e afirmar, esse dizer e desdizer, esse apontado paradoxo: a poética pessoana, uma prática sem teoria.



REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

ABREU, Maria Fernanda

1988 Fernando Pessoa nos países americanos de língua castelhana: Argentina e México. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Belo Horizonte, Ano XXII, nº 1.110, 19 nov. 88, p. 8-11.

ADORNO, Theodor W.

1973 *Notas de literatura* [Noten zur Literatur III]; trad. Celeste Aída Galeão & Idalina Azevedo da Silva. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1973, 122 p. (Biblioteca Tempo Universitário, 36).

AGOSTINHO, Santo

397 *Confissões* [Confessionum], trad. J. Oliveira Santos & Ambrósio de Pina. In *Confissões e De magistro*. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1980, p. 1-288 (Os Pensadores).

Incluem-se neste item tanto as referências às obras citadas nos nove volumes de *Conhecer Pessoa* quanto a bibliografia geral consultada e não referenciada.

- 1980 *Do mestre* [De magistro], trad. Angelo Ricci. In: *Confissões e De magistro*. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1980, p. 291-324 (Os Pensadores).
- ANDRADE, Carlos Drummond de
1980 *A paixão medida*. Rio de Janeiro, Companhia das Letras, 1914.
- ANDRADE, Mário de
1972 *O empalhador de passarinho*. 3ª ed., São Paulo, Martins/INL, 1972, 295 p.
- ARBAIZAR, Philippe (org.)
1985 *Fernando Pessoa / Poète pluriel*. Paris, Centre George Pompidou, La Différence, [1985], 360 p.
- ARISTÓTELES
1966 *Poética*, trad., prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Souza. Porto Alegre. Globo, 1966, 266 p. (Biblioteca dos Séculos, 54).
- 1969 *Metafísica*; trad. Leonel Vellandro. Porto Alegre, Globo, 1969, 266 p.
- AUERBACH, Erich
1972 *Introdução aos estudos literários* [Introction aux etudes de philologie romane]; trad. José Paulo Paes. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1972, 278 p.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário A.
1989 Sobre as odes de Ricardo Reis. *Quinto Império; Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa*. Salvador, Gabinete Português de leitura / Associação de Estudos Portugueses Hélio Simões, nº 2, 1989, p. 57-65.
- BACHELARD, Gaston
1970 *A poética do espaço* [La pétique de l'espace]; trad. Antonio Leal & Lília Leal. Rio de Janeiro, Eldorado, s. d., 176 p.

BACON, Francis

1620 *Novum organum - ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza* [Pars secunda operis quae dicitur novum organum sive indicia vera de interpretatione naturae], trad. e notas de J. A. R de Andrade. São Paulo, Abril Cultural 1979, 272 p. (Os Pensadores).

BAKHTIN, Mikhail

1970 *La poétique de Dostoievski*. Paris. Seuil, 1970, 278 p.

1979 *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem [Marksizm i filosofija jazyka]; trad. (da ed. francesa) Michel Lahud et alii; prefácio de Roman Jakobson. São Paulo, Hucitec, 1979, 182 p.

BARTHES, Roland

1977 *Aula* (Aula inaugural da Cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França) [Leçon], trad. e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo, Cultrix, s.d.

1966 *Crítica e verdade* [Critique et vérité], trad. Leyla Perrone-Moisés (contendo dezoito Ensaios Críticos e Crítica e verdade). São Paulo, Perspectiva, 1970, 236 p.

1964 *Elementos de semiologia* [Éléments de semiologie]; trad. Izidoro Blikstein. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1972, 118 p.

1957 *Mitologias* [Mythologies]; trad. Rita Buongiorno e Pedro de Souza. São Paulo, Difel, 1972, 184 p.

1953 *Novos ensaios críticos - seguidos de O grau zero da escritura* [Le degré zéro de l'écriture suivi de Nou-

- veaux essais critiques]; trad. Heloysa Dantas et alii. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1974, 168 p.
- 1973 *O prazer do texto* [Le plaisir du texte]; trad. Mª Margarida Barahona. Lisboa, Edições 70, s.d. [ed. original de 1973]
- BARTHES, Roland et alii
- 1972 *Literatura e semiologia* [Seleção de ensaios da revista Communications]; trad. Célia Neves Dourado. Petrópolis, Vozes, 1972, 160 p. (Col. Novas perspectivas em comunicação, 3).
- 1976 *Masculino, feminino, neutro; ensaios de semiótica narrativa*; organização e tradução de Tania Carvalhal et alii. Porto Alegre, Globo, 1976, 138 p.
- BAUDELAIRE, Charles.
- 1857 *Les fleurs du mal et autres poèmes*. Paris, Garnier Flammarion, 1964.
- BENVENISTE, Émile
- 1976 *Problemas de linguística geral* [Problèmes de linguistique générale]; trad. Mª da Lória Novak & Luiza Neri. São Paulo, Nacional / EDUSP, 1976, 388 p.
- BLANCO, José
- 1983 *Fernando Pessoa. Esboço de uma bibliografia*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda / Porto, Centro de estudos pessoanos, 1983, 488 p.
- BLIKSTEIN, Izidoro
- 1983 *Kaspar Hauser ou A fabricação da realidade*. São Paulo, Cultrix, 1983, 100 p. ilustr.
- BOSI, Alfredo
- 1974 *História concisa da literatura brasileira*. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1974, 576 p.

- 1983 *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo, Cultrix, 1983, 220 p.
- BOURGOIS, Christian
1987 O caso Pessoa. *Jornal de letras, artes e idéias*. Ano VII, nº 248. Lisboa, 06 abr. 87, p. 12.
- BRANCO, Lúcia Castelo
1986 Chama-me Íbis e não te direi quem sou. Anotações sobre as cartas de amor de Fernando Pessoa. *Minas Gerais Suplemento Literário*. Nº 1.014. Belo Horizonte, 08 mar. 86, p. 4-5.
- BREUER, Joseph & FREUD, Sigmund
1893-1895 *Estudos sobre a histeria* [Studies in hysteria / Studien uber Hysterie]; trad. Christiano Oiticica. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. II. Rio de Janeiro, 1974, 393 p.
- BRITO, M^a de Fátima Ribeiro Souza
1988 *A intertextualidade na obra de José Saramago*. Comunicação ao XII Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa. São Paulo, USP, 26-29 abr. 88, 13 p.
- BULFINCH, Thomas
1965 *O livro de ouro da mitologia. A idade da fábula* [The Age of Fable], trad. David Jardim Jr. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1965, 384 p.
- CÂMARA, J. M. Bettencourt da
1988 Obras de Lopes Graça sobre poemas de Fernando Pessoa. *Letras & Artes*. Porto, nº 11, 1º nov. 88, p. 12-13.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso
1970 Roman Jakobson e a linguística, in: JAKOBSON. *Linguística. Poética. Cinema*. Roman Jakobson no

- Brasil. São Paulo, Perspectiva, 1970. p. 165-174 (Col. Debates, 22).
- 1973 O estruturalismo linguístico. *Revista Tempo Brasileiro: estruturalismo*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, nº 15/16, 1973, p. 5-43.
- 1973b *Princípios de linguística geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1973, 334 p.
- 1974 *Dicionário de filologia e gramática: referente à língua portuguesa*. Rio de Janeiro, J. Ozon, 1974, 410 p.
- CAMPOS, Augusto de
1970 *Re-visão de Kilkerry*. São Paulo, Fundo Estadual de Cultura, 1970, 290 p.
- CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo de
1975 *Teoria da poesia concreta; Textos críticos e manifestos, 1959-1969*. 2ª ed. São Paulo, Duas Cidades, 1975, 208 p.
- CAMPOS, Haroldo de
1970 *Metalinguagem; ensaios de teoria e crítica literária*. Petrópolis, Vozes, 1970, 112 p. (Col. Nosso Tempo, 5).
- 1970b O poeta da linguística, in JAKOBSON: *Linguística. Poética. Cinema*. Roman Jakobson no Brasil. São Paulo, Perspectiva, 1970, p. 183-193 (Col. Debates, 22).
- 1972 *A arte no horizonte do provável e outros ensaios*. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1972, 240 p.
- 1973 *Morfologia do Macunaíma*. São Paulo, Perspectiva, 1973, 304 p. (Col. Estudos, 19).

CÂNDIDO, Antônio

1976 *Literatura e sociedade*; estudos de teoria e história literária. 5ª ed. revista. São Paulo, Nacional, 1976, 193 p. (Biblioteca Universitária. Ciências Sociais, 49).

CASSIRER, Ernst

1969 *Le langage et la construction du monde des objets*, in: CASSIRER et alii. *Essais sur le langage*. Paris, Minuit, 1969, p. 37-68 (Col. Les sens commun).

1972 *La philosophie des formes symboliques*. Vol. I: *Le langage* [Philosophie der symbolischen Formem] traduit de l'allemand par Ole Hansen-Love et Jean Lacoste. Paris, Minuit, 1972, 358 p.

1972b *La philosophie des formes symboliques*. Vol. II: *La pensée mytique* [Philosophie der Symbolischen Formen], traduit de l'allemand par Jean Lacoste. Paris, Minuit, 1972.

1972c *Linguagem e mito* [Sprache und Mythos: Ein Beitrag zum Problem der Goetternamen]; trad. J. Guinsburg & Miriam Schnaiderman. São Paulo, Perspectiva, 1972, 132 p. (Col. Debates, 50).

1977 *Antropologia filosófica: ensaio sobre o homem* [An essay on man]; trad. Vicente Queiroz. 2ª ed. São Paulo, Mestre Jou, 1977, 280 p.

CENTENO, Y. K.

1985 *Fernando Pessoa. O amor, a morte, a iniciação*. Lisboa, A Regrado Jogo, 1985, 131 p.

CHAUÍ, Marilena

1984 *O que é ideologia*. São Paulo, Abril Cultural / Brasiliense, 1984, 124 p. (Sem referência à edição. A 1ª ed. é de 1980).

CHKLOVSKY, Vítor

1971 A arte como procedimento, in: EIKHENBAUM et alii. *Teoria da literatura; formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Marisa Ribeiro, M^a Aparecida Pereira, Regina Zilberman e Antônio Holfeldt. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 39-56.

CHOMSKY, Noam

1972 *Linguagem e pensamento* [Language and mind], trad. Francisco M. Guimarães. 3^a ed. Petrópolis, Vozes, 1973, 128 p.

1972b *Linguística cartesiana: Um capítulo da história do pensamento racionalista* [Cartesian linguistics: a chapter in the history of rationalist thought]; trad. Francisco M. Guimarães. Petrópolis, Vozes / Universidade de São Paulo, 1972, 120 p.

1975 *Aspectos da teoria da sintaxe* [Aspects of the theory of syntax], trad. introdução, notas e apêndices de José Antonio Meireles e Eduardo Paiva Raposo. Coimbra, Arménio Amado, 1975, 372 p. ilustr.

COELHO, António Pina

1971 *Os fundamentos filosóficos da obra de Fernando Pessoa*. Vol. II. Lisboa, Verbo, 1971, 190 p.

COELHO, Jacinto do Prado

1983 *Camões e Pessoa, poetas da utopia*. Mem Martins, Europa-América [1983], 221 p.

1985 *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. 8^a ed. Lisboa, Verbo, 1985, 270 p.

COELHO, Nelly Novaes

1973 *Escritores portugueses*. São Paulo, Quiron, 1973.

1980 *Literatura e linguagem: a obra literária e a expressão linguística*. 3^a ed. São Paulo, Quiron, 1980, 390 p.

- 1982 *A literatura infantil: história, teoria, análise*. 2ª ed. São Paulo, Quiron, 1982, 420 p.
- 1983 Fernando Pessoa, a dialética do ser-em-poesia, in: PESSOA. *Obra poética*; 8ª ed.. org. e notas de Mª Eliete Galhoz, introd. de Nelly Novaes Coelho. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1983, p. XIII-XLIII (Biblioteca Luso-Brasileira – Série Portuguesa).
- 1985 O livro do desassossego. “Grau zero” da heteronímia fernandina? *Encontro*; Revista de cultura do Gabinete Português de Leitura de Pernambuco. Recife, nº 5, 1985, p. 95-102.
- 1989 Vibrações ou convergências pessoanas na poesia brasileira contemporânea. *Minas Gerais Suplemento literário*, nº 1.129. Belo Horizonte, 2 set., 1989, p. 2-3.
- COMTE, Auguste
- 1978 Linguagem. In: *Auguste Comte: sociologia*; org. e trad. Evaristo de Moraes Filho. São Paulo, Ática, 1978, p. 134-133 (Col. Grandes Cientistas Sociais, 7).
- CONDILLAC, Étienne Bonnot de
- 1979 *Lógica ou Os primeiros desenvolvimentos da arte de pensar* [Logique]; trad. Nelson Aguiar. In CONDILLAC et alii: *Textos escolhidos*. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 71-134 (Os Pensadores).
- CORBISIER, Roland
- 1974 *Enciclopédia filosófica*. Petrópolis, Vozes, 1974, 204 p.
- CORTÁZAR, Julio
- 1974 *Valise de cronópio*; trad. Davi Arrigucci Jr. & João Alexandre Barbosa, org. Haroldo de Campos & Arrigucci Jr. São Paulo, Perspectiva, 1974, 258 p.

COSERIU, Eugenio

1952 *Sistema, norma y habla*. Montevideo, Universidad de la Republica, Facultad de Humanidades y Ciencias, 1952 (Utilizamos também, para as citações, a edição espanhola, onde o livro integra o volume *Teoría del lenguaje y lingüística general: cinco estudios*. 3ª ed., revisada e corregida, Madrid, Gredos, 1973, p. 11-113).

1954 *Forma y sustancia en los sonidos del lenguaje*. Montevideo, Universidad de la republica, facultad de Humanidades y Ciências, 1954 (Utilizamos também, para as citações, a edição espanhola, onde o livro integra o volume *Teoría del lenguaje y lingüística general: cinco estudios*. 3ª ed. revisada y corregida, Madrid, Gredos, 1973, p. 115-234).

1958 *Sincronía, diacronía e história: el problema del cambio lingüístico*. Montevideo, Universidad de la republica, Facultad de Humanidades y Ciencias, 1958, 162 p.

COUTINHO, Carlos Nelson

1972 *O estruturalismo e a miséria da razão*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972, 226 p. (Col. Rumos da cultura moderna, 48).

CROCE, Benedetto

1067 *A poesia*. Introdução à crítica e história da poesia e da literatura [La poesia. Introduzione alla critica e storia della poesia e della letteratura]; trad. Flávio Loureiro Chaves. Porto Alegre, Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1967, XII + 230 p.

CURTIUS, Ernest Robert

1979 *Literatura européia e idade média latina* [Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter]; trad. Teo-

doro Cabral, com colaboração de Paulo Rónai. Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1979.

CURY, Jorge

1986 Do ultimatum de 1890 ao ultimatum de 1917; da intertextualidade pessoana. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2º semestre de 1986, p. 97-103.

DAL FARRA, Maria Lúcia

1968 Para uma “biografia” de um monárquico sem rei: Ricardo Reis. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2º semestre de 1968, p. 77-87.

DEGÉRANDO, Marie-Joseph

1979 *Dos signos e da arte de pensar considerados em mútuas relações* [Des signes et de l’art de penser considérés dans leurs rapports mutuels], trad. Franklin Leopoldo e Silva e Victor Knoll. In CONDILLAC, HELVÉTIUS & DEGÉRANDO: *Textos Escolhidos*. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 323-430 (Os Pensadores).

DEMÓCRITO (de Abdera)

1978 Fragmentos; trad. Paulo F. Flor. In: OS PRÉ-SOCRÁTICOS. *Fragmentos, doxigrafia e comentários*. Seleção de José Cavalcante de Souza. São Paulo, Abril Cultural, 1978, p. 309-360 (Os Pensadores).

DIAS, Mª Heloisa Martins

1984 *Fernando Pessoa: Um “interlúdio” intertextual*. Rio de Janeiro, Achiamé, Fundação Cultural Brasil-Portugal, 1984, 84 p.

DUCROT, Oswald & TODOROV, Tzvetan

1974 *Diccionario enciclopédico de las ciencias del lenguaje* [Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage]

- ge]; trad. Enrique Pezzoni. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1974, 322 p.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos
- 1980 *A paixão medida*. 2ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1980, 94 p.
- 1984 Amor e seu tempo. *Jornal de cultura* (Suplemento do *Diário de Notícias*). Salvador, 6 jan. 84, p. 1.
- 1988 As identidades do poeta [Poema sobre Fernando Pessoa]. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XXII, nº 1.110, Belo Horizonte, 19 nov. 1988, p. 2.
- DUARTE, Lélia Parreira
- 1988 Fernando, rei da nossa Baviera, de Eduardo Lourenço: um jogo no limite do silêncio. *Letras & Artes*, nº 11, Porto, 1º nov. 88, p. 11-12.
- ECO, Umberto
- 1962 *Obra aberta. Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas* [Opera aperta]; trad. Pérola de Carvalho. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1971, 288 p. (Col. Debates, 4)
- 1964 *Apocalípticos e integrados* [Apocalottici e integrati]; trad. Rodolfo Ilari e Carlos Vogt. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, s. d., 392 p. (Col. Debates, 19).
- 1968 *A estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica* [La struttura assente]; trad. Pérola de Carvalho. São Paulo, Perspectiva, Universidade de São Paulo, 1971, 428 p. (Col. Estudos, 6).
- 1971 *As formas do conteúdo* [Le forme del contenuto]; trad. Pérola de Carvalho. São Paulo, Perspectiva, Universidade de São paulo, 1974, 188 p. (Col. Estudos, 25).
- 1973 *O signo* [Segno]; trad. Mª de Fátima Marinho. Lisboa, Presença, 1977.

- 1975 *Tratado geral de semiótica* [Trattato di semiotica generale]; trad. Antonio de Pádua Danesi e Valéria O. de Souza. São Paulo, Perspectiva, 1980, 282 p. (Col. Estudos, 73).
- 1977 *Como se faz uma tese* [Como se fa una tesi di laurea]; trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo Perspectiva, 1983, 192 p. (Col. Estudos, 85).
- 1984 *Conceito de Texto* [O livro é a transcrição das aulas proferidas pelo autor na Pós-Graduação da Universidade de São Paulo, no segundo semestre de 1979]; trad. Carla de Queiroz. São Paulo, T. A. Queiroz, Universidade de São Paulo, 1984, 214 p.
- ELIOT, T. S.
- 1972 *A essência da poesia* [One poet and one poetry]; trad. M^a Luiza Nogueira. Rio de Janeiro, 1972.
- EIKHENBAUM, Boris
- 1971 A teoria do “método formal”. In: EIKHENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Ana Mariza Ribeiro, M^a Aparecida Pereira, Regina Zilberman e Antônio Hohlfeldt. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 3-38.
- FEBVRE, Lucien
- 1978 A aparelhagem mental (1. Palavras que faltam). In: *História*; org. Carlos Guilherme Mota, trad. A. Marson et alii. São Paulo, Ática, 1978, 55-58 (Col. Grandes Cientistas Sociais, 2).
- FERREIRA, Vergílio
- 1969 *Mudança*; romance. 3^a ed. Lisboa, Portugalíia, 1969.
- FOUCAULT, Michel
- 1971 *A arqueologia do saber* [L'archéologie du savoir]; trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Petrópolis, Vozes, 1971, 256 p.

FREUD, Sigmund

- 1891 Palavras e coisas (Fragmento da monografia sobre afasia. Apêndice a O inconsciente). *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974, 239-245.
- 1893 Alguns pontos para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas. *Edição Standard Brasileira*, Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- 1893-1895 *Estudos sobre a histeria*. Cf. BREUER & FREUD.
- 1895 *Projeto para uma psicologia científica* [Entwurf einer Psychologie / Project for a scientific psychology]; trad. José Luis Meurer. *Edição Standard Brasileira*, Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977, p. 379-517.
- 1896 Carta 46. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. *Edição Standard Brasileira*, Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- 1897 Carta 79. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. *Edição Standard Brasileira*, Vol. I. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- 1899 *A interpretação de sonhos*. [Die Traumdeutung]; trad. Walderedo Ismael de Oliveira. *Edição Standard Brasileira*, Vols. IV e V. Rio de Janeiro, Imago, 1972, 793 p.
- 1905 *Os chistes e sua relação com o inconsciente* [Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten]; trad. Margarida Salomão. *Edição Standard Brasileira*, Vol. VIII. Rio de Janeiro, Imago, 1980p.
- 1906 *Delírios e sonhos na «Gradiva» de Jansen* [Der Wahn und die Traume in W. Jansens «Gradiva»]; trad. M^a Aparecida Rego. *Edição Standard Brasileira*, Vol. IX. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 11-100.

- 1908 Escritores criativos e devaneio [Der Dichter und das Phantasiaren / The relation of the poet to daydreaming]; trad. M^a Aparecida Rego. *Edição Standard Brasileira*, Vol. IX. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 143-158.
- 1911 A significação das sequências de vogais [Die Bedeutung der Vokalfolge] ; trad. José Octávio Abreu. *Edição standard Brasileira*, Vol. XII. Rio de Janeiro, Imago, s. d., p. 429.
- 1911-1913 Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental [Formulierung uber die zwei Prinzipien des Psychischen Geschehens / Formulations regarding the two principles in mental functioning]; trad. José Otávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XII. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 271-286.
- 1912 Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise [A note on the unconscious in psycho-analysis], trad. José Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XII. Rio de Janeiro, Imago, s.d., p. 321-334.
- 1912-1915 O ego e o id [Das Ich und das Es / The Ego and the Id]; trad. José Otávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIX. Rio de Janeiro, (1976), p. 11-83.
- 1913 O tema dos três escrínios [Das Motiv der Kastchenwahl / The theme of the three caskets]; trad. José Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XII. Rio de Janeiro, s. d., p. 363-379.
- 1915 O inconsciente [The unconscious / Das Unbewusste]; trad. Tamira Brito et alii. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974, p. 183-245.

- 1915-1917 Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos [Metapsychological supplement to the theory of dream]; trad. Themira Brito et alii. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIV. Rio de Janeiro, Imago, 1974, 247-267.
- 1920 *Além do princípio do prazer* [Jenseits des Lustprinzips]; trad. Cristiano Monteiro Oiticica. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. XVIII. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 11-179.
- 1924-1915 Uma nota sobre o 'bloco mágico' [Notiz uber den 'Wunderblock' / A note upon the 'Mystic writingpad']; trad. J. Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 281-190.
- 1925 A negativa [Die Verneinung / Negation]; trad. J. Octávio de Aguiar Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 291-300.
- 1925-1926 Um estudo autobiográfico [Selbstdarstellung / An autobiographical study]; trad. Cristiano Monteiro Oiticica. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XX. Rio de Janeiro, Imago, (1976), p. 11-92.
- 1926-1929 O futuro de uma ilusão [Die Zukunft einer Illusion / The future of an ilusion]; trad. José Otávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XXI. Rio de Janeiro, (1976), p. 11-71.
- 1930-1936 *O mal-estar na civilização* [Das unbehagen in der Kultur / Civilization and its discontents]; trad. José Otávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XXI. Rio de Janeiro, (1976), p. 73-171.

- 1939 Moisés e o monoteísmo [Moses and monotheism], trad. José Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XXIII. Rio de Janeiro, Imago, 1975, p. 11-161.
- 1940 Esboço de psicanálise [An outline of psychoanalyses]; trad. José Octávio Abreu. *Edição Standard Brasileira*, Vol. XXIII. Rio de Janeiro, Imago, 1975 p. 163-237.
- FROMM, Erich
- 1980 *A linguagem esquecida*. Uma introdução ao entendimento dos sonhos, contos de fadas e mitos [The forgotten language. An introduction to the Understanding of dreams, fairy tales and myths]; trad. Octavio Alves Velho. 7ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1980, 190 p.
- GABBI JR., Osmyr Faria
- 1968 A crise conceitual da psicanálise (Conferência proferida na I Semana da Filosofia, de 6-8 ago. 86, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP. *Folhetim* [Freud: Por uma epistemologia da psicanálise], nº 499, São Paulo, *Folha de São Paulo*, 31 ago. 68, p. 4-6.
- GALHOZ, Mª Aliete
- 1972 Fernando Pessoa, encontro de poesia. In: PESSOA. *Obra poética*; org., introdução e notas de Mª A. G., 4ª ed. Rio de Janeiro, Aguilar, 1972. p. 15-60.
- GOMES, Manuel João
- 1986 Um Fausto em fragmentos. *Jornal de Letras, Artes & Idéias*, Ano VI, nº 199, Lisboa, 28 abr. a 04 mai. 86, p. 19.
- 1986b Um pacto com Satanás. *Jornal de Letras, Artes & Idéias*, Ano V, nº 187, Lisboa, 4-10 fev. 86, p. 5.

- GOTLIB, Nácia Battella (Org.)
 1988 *Porque tudo é a vida*. Número especial, sobre Fernando Pessoa, do *Minas Gerais Suplemento Literário*. Belo Horizonte, Ano XXII, n° 1.110, 19 nov. 88, 16 p.
- GRAMSCI, Antonio
 1978 *Concepção dialética da história* [Il materialismo storico e la filosofia de Benedetto Croce]; trad. Carlos Nelson Coutinho. 2ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978, 342 p. (Col. Perspectiva do Homem, 12).
- GREIMAS, Algirdas Julien
 1975 *Sobre o sentido. Ensaio semióticos* [Du sens. Essais sémiotiques]; trad. Ana Cristina Cezar et alii. Petrópolis, Vozes, 1975, 396 p.
- GREIMAS et alii
 1975 *Ensaio de semiótica poética*; organização de A. J. Greimas [Essais de sémiotique poétique]; trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo, Cultrix, Universidade de São Paulo, 1975, 278 p.
- GUERREIRO, Mário
 1977 Signo sonoro & signo musical: um esboço de psicologia fenomenológica. *Ciências Humanas*. Revista da Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, Vol. I, n° 2, 1977, p. 45-57.
- GUIMARÃES ROSA, João
 1970 *Ave, palavra*; nota introdutória de Paulo Rónai. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970, 276 p.
- 1971 Literatura deve ser vida – um diálogo de Gunter Lorenz com João Guimarães Rosa. In: *Exposição do novo livro alemão no Brasil / Deutsche Buchausstellung in Brasilien*. Frankfurt am Main, 1971, p. 267-312.

- GUIMARÃES, Ruth
1972 *Dicionário da mitologia grega*. São Paulo, Cultrix, 1972, 320 p.
- HAYES, Curtis W.
1972 *Linguística e literatura: prosa e poesia*. In: HILL. *Aspectos da linguística moderna*, São Paulo, Cultrix, 1972, p. 176-191.
- HEIDEGGER, Martin
1979 *Conferências e escritos filosóficos* [Was ist das – die Philosophie? / Was ist Metaphysik? / Zur Dache des Denkes / Vom Wesen des Grundes / Von Wesen der Wahrheit / Über den ‘Humanismus’ – Brief an Jean Beaufret / Identität und Differenz / Hegel und die Griechen / Aus der Letzten Marburger Vorlesung / Kants These über das Sein / Zeit und Sein / Protokoll zu einem Seminar über den Vortrag ‘Zeit und Sein’ / Meine Weg in die Phenomenologie]; tradução, introdução e notas de Ernildo Stein. São Paulo, Abril Cultural, 1979, 306 p. (Os Pensadores)
- HERÁCLITO de Éfeso
1978 *Fragmentos*; trad. J. Cavalcante de Souza. In: OS PRÉ-SOCRÁTICOS. *Fragmentos, doxografia e comentários*; seleção de José Cavalcante de Souza. São Paulo, Abril Cultural, 1978, p. 73-136 (Os Pensadores).
- HILL, Archibald A. (Org.)
1972 *Aspectos da linguística moderna* [Linguistics]; trad. Aldair Palácio, M^a Azevedo e M^a Celani. São Paulo, Cultrix, 1972, 290 p.
- HJELMSLEV, Louis
1971 *El lenguaje* [Sproget]; trad. M^a Victória Catalina. Madrid, Gredos, 1971, 194 p.

- 1971b La forme du contenu du langage comme facteur social. In HJELMSLEV: *Essais linguistiques* (Choix des articles par l'auteur). Paris, Minit, 1971, p. 97-104.
- 1975 *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* [Omkring sprogteoriens grundloeggelse]; trad., segundo o texto inglês, J. T. C. Netto. São Paulo, Perspectiva, 1975, 150 p. (Col. Estudos, 43).
- 1976 *Sistema lingüístico y cambio lingüístico*; versión española de B. Pallares Arias. Madrid, Gredos, 1976, 260 p. (Biblioteca Románica Hispánica: Estudios y Ensayos, 249).
- 1976b *Princípios de gramática general* [Principes de grammaire générale]; versión española de Félix Piñero Torre. Madrid, Gredos, 1976, 400 p. (Biblioteca Románica Hispánica: Estudios y Ensayos, 251).
- HOBBS, Thomas
- 1640 *A natureza humana* [The elements of law, natural and politic]; trad. introdução e notas de João Aloísio Lopes. Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1983 (Col. Clássicos de Filosofia).
- 1651 *Leviatã*; ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil; trad. João P. Monteiro & M. B. Nizza Silva. São Paulo, Abril, 1979.
- JACQUART, Emmanuel
- 1975 Ionesco: ideologia como linguagem (entrevista com Eugène Ionesco). *Jornal de Cultura* (Suplemento do *Diário de Notícias*). Salvador, nº 21, 02 fev. 75, p. 7.
- JAKOBSON, Roman
- 1960 Linguística e poética. In JAKOBSON. *Linguística e comunicação*; organização de Izidoro Blikstein,

- trad. I. Blikstein & José Paulo Paes (com base nos textos em inglês enviados pelo autor). 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1969.
- 1969 *Linguística e comunicação*; organização de Izidoro Blikstein, trad. I. Blikstein & José Paulo Paes (com base nos textos em inglês enviados pelo autor). 2ª ed. São paulo, Cultrix, 1969.
- 1970 *Linguística. Poética. Cinema*. Roman Jakobson no Brasil; org. Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman, trad. Francisco Achcar et alii. São Paulo, Perspectiva, 1970. (Col. Debates, 22)
- 1971 Do realismo artístico. In: EIKHENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; organização, apresentação e apêndice de Dionísio Toledo, trad. Ana Mariza Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 119-127.
- 1974 *Relação entre a ciência da linguagem e as outras ciências* [Linguistics in relation to other sciences]; trad. Mª Fernanda Nascimento. Lisboa, Bertrand, 1974, 128 p. (Col. Ciências Sociais e Humanas, 7).
- 1974b O que fazem os poetas com as palavras (Conferência proferida em Portugal). *Jornal de Cultura* (Suplemento do *Diário de Notícias*). Salvador, nº 14, 14 jun. 74, p. 8.
- 1976 *Six leçons sur le son et le sens*. Preface de Claude Lévi-Strauss. Paris, Minit, 1976, 128 p.
- JAKOBSON, Roman & Krystina Pomorska
 1985 *Diálogos* [Dialogues / Biessiédi]; trad. do texto francês por Elisa Kossovitch, cotejo com o original russo, alterações e traduções de trechos ausentes na versão francesa por Boris Schnaiderman & Léon Kossovitch. São Paulo, Cultrix, 1985.

- JAKOBSON, Roman & STEGANO PICHIO, Luciana
 1970 Os orímeros dialéticos de Fernando Pessoa. In:
 JAKOBSON. *Linguística. Poética. Cinema*. São
 Paulo, Perspectiva, 1970, p. 93-118.
- JAKOBSON, Roman & TYNIANOV, Júri
 1971 Os problemas dos estudos literários e linguísticos.
 In: EIKHENBAUM et alii. *Teoria da literatura:
 formalistas russos*; organização, apresentação e
 apêndice de Dionísio Toledo, trad. Ana Mariza
 Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 95-
 98.
- JAUSS, Hans Robert et alii
 1979 *A literatura e o leitor. Textos de estética da recepção*;
 seleção e trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro,
 Paz e terra, 1979, 213 p. (Col. Literatura e Teoria
 Literária, 36).
- JUNG, Carl Gustav
 1974 *Tipos psicológicos* [Psychologische Typen]; trad. e
 apresentação de Álvaro Cabral. 2ª ed., Rio Zahar,
 1974, 568 p. (Col. Psyche).
- 1979 *O eu e o inconsciente* [Zwei Schiften uber
 Analytische Psychologie. Die Beziehungen zwischen
 den Ich und dem Unbewussten]; trad. Dora
 Ferreira da Silva, Petrópolis, Vozes, 1979, 184 p.
 (Obras Completas de C. G. Jung, Vol. 7, Tomo 2).
- 1980 *Psicologia do inconsciente* [Zwei Schiften en uber
 Analytische Psychologie. Uber die Psychologie des
 Unbewussten]; trad. Mª Luiza Appy. Petrópolis,
 Vozes, 1980, 160 p. (Obras Completas de C. G.
 Jung, Vol. 7, Tomo 1).
- KAYSER, Wolfgang
 1970 *Análise e interpretação da obra literária*. Introdução
 à ciência da literatura. II volumes. 5ª ed. portu-

guesa totalmente revista pela 12ª alemã por Paulo Quintela. Coimbra, Armênio Amado, 1970. (A 1ª edição portuguesa foi escrita por Kayser contendo fartas análises de obras portuguesas e brasileiras e lançada simultaneamente à alemã: Das sprachliche Kunstwerk.)

KRISTEVA, Júlia

1974 *História da linguagem* [Le langage, cet inconnu]; trad. M^a Margarida Barahona. Lisboa, Edições 70, 1974, 462 p. (Col. Signos, 6).

1974b *Introdução à semanálise* [Recherches pour une sémanalyse]; trad. Lúcia Ferraz. São paulo, Perspectiva, 1974, 200 p. (Col. Debates, 84).

1976 Ideologia do discurso sobre a literatura. In: Barthes. *Masculino, feminino, neutro: ensaios de semiótica narrativa*; org. e trad. Tânia Carvalhal et alii. Porto Alegre, Globo, 1976, p. 129-138.

KUJAWSKI, Gilberto de M.

1979 *Fernando Pessoa, o outro*. 3ª ed., Petrópolis, Vozes, 1979, 94 p.

LACAN, Jacques

1966 *Écrits*. Paris, Seuil, 1966, 928 p. (Le champ freudien).

1978 *Escritos* [Écrits]; trad. Inês Oseki-Derpé. São Paulo, Perspectiva, 1978, 348 p. (Col. Debates, 132).

1979 *O seminário*. Livro I: *Os escritos técnicos de Freud* [Le séminaire. Livre I: Les Écrits techniques de Freud – 1953-1954]; trad. Betty Milan. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, 336 p.

1979b *O seminário*. Livro XI: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [Le séminaire. Livre XI: Les quatre concepts fondamentaux de la Psychanalyse

- 1964]; trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, 270 p.
- 1953 *O mito individual do neurótico*; trad. Cardoso e Cunha et alii. Lisboa, Assírio & Alvim, 1980, 80 p.
- 1981 *Le séminaire*. Livre III: *Les psychoses*. Texte établi par Jacques-Alain Miller. Paris, Seuil, 1981, 369 p. (Le champ freudien).
- 1982 *O seminário*. Livro XX: *Mais, ainda* [Le séminaire. Livre XX: *Encore*]; trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro, Zahar, 1982, 204 p.
- LEACH, Edmund
- 1973 *As idéias de Lévi-Straus* [Lévi-Strauss]; São Paulo, Cultrix / Editora da Universidade de São Paulo, 1973, 119 p.
- LEBRUN, Gérard
- s. d. Qual é o lugar da psicologia? *Psicologia atual*, Ano III, nº 17, s. d.. p. 18-19.
- LEFEBRE, Henri
- 1980 *Lógica formal / Lógica dialética* [Logique formelle / Logique dialectique]; trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980, 302 p. (Col. Perspectivas do Homem, 100).
- LEIBNIZ, Wilhelm
- 1980 *Novos ensaios sobre o entendimento humano* [Nouveaux essais sur l'entendement humain par l'auteur du Systeme de l'harmonie préétablie]; trad. Luis João Barahúna. São Paulo, Abril Cultural, 1980, 438 p. (Os Pensadores).
- LEITE, Dante Moreira
- 1979 *O amor romântico e outros temas*. 2ª ed. ampl. São Paulo, Nacional / Editora da Universidade de São Paulo, 1979, XXXIV + 158 p.

- LEMINSKI, Paulo
1978 Poesia. *Código*. Salvador, n° 3, ago. 1978, s. n. p.
- LEROY, Maurice
1971 *As grandes correntes da linguística moderna* [Les grands courants de la linguistique moderne]; trad. Izidoro Blikstein & José Paulo Paes. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1971, 193 p.
- LETRAS & ARTES
1988 Dossier [sobre Fernando Pessoa]. *Letras e Artes*. Porto, n° 11, 1 nov. 88, p. 7-14.
- LEVIN, Samuel R.
1975 *Estruturas linguísticas em poesia* [Linguistics structures in poetry]; trad. José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1975, 108 p.
- LÉVI-STRAUSS, Claude
1958 *Antropologia estrutural* [Anthropologie structurale]; trad. Chaim Katz & Eginardo Pires. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1970, 440 p. (Biblioteca Tempo Universitário, 7).
1959 Aula inaugural [Leçon inaugurale]; trad. Mª Nazaré Soares. In: COSTA LIMA (Org.). *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1970, p. 45-77.
1976 *O pensamento selvagem* [La pensée sauvage]; trad. Mª Celestre Souza & Almir Aguiar. São Paulo, Nacional, 1976, 334 p. (Biblioteca Universitária, 31).
- LIMA, Francisco Ferreira de
1986 O reino e o habitat na poesia de Sophia de Mello Breyner. *Quinto império, Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa*. Salvador, n° 1, 1º semestre de 1986, p. 79-92.

1989 Intenção, anti-intenção e seu ultrapasse: as três margens de um rio. *Estudos linguísticos e literários*. Publicação Semestral do Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal da Bahia. Salvador, Nº 6, dez. 89, p.43-61.

LIMA, Luiz Costa

1970 *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. (Org.) 2ª ed. Petrópolis, Vozes, 1970, 222 p. (Col. Nosso Tempo, 6).

1976 *Estruturalismo e teoria da literatura: introdução às problemáticas estética e sistêmica*. Petrópolis, Vozes, 1973, 490 p. (Col. Mestrado, 1).

LIND, Georg Rudolf

1970 *Teoria poética de Fernando Pessoa*. Porto, Inova, 1970, 350 p.

LIVROS DE PORTUGAL

1988 Um século de Pessoa. *Livros de Portugal*. Publicação mensal da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros. Lisboa, nº 3, mar. 88.

LOBATO, Monteiro

1067 *Idéias de Jeca Tatu*. São Paulo, Brasiliense, 1967, 275 p.

LOCKE, John

1978 *Ensaio acerca do entendimento humano* [An essay concerning human understanding]; trad. Anaor Aiex, 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978, 350 p. (Os Pensadores).

LOPARIC, Zeljko

1986 Uma leitura filosófica de Freud. (Conferência proferida na I Semana da Filosofia, de 6-8 ago. 86, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP). *Folhetim* [Freud: Por uma

epistemologia da psicanálise], n° 499. São Paulo, *Folha de São Paulo*, 31 ago. 86, p. 6-8.

LOPES, Oscar

1986 *Os sinais e os sentidos*. Lisboa, Caminho, 1986, 292 p.

LOPES, Teresa Rita

1985 *Fernando Pessoa. Le théâtre de l'être* (Textes rassemblés, traduits et mis en situation). Paris, Éditions de la Différence, 1985, 512 p.

1987 Uma casa-museu para Pessoa e 'os de Orpheu'. *Jornal de letras artes e idéias*. Lisboa, Ano VII, n° 248, 6 abr. 87, p. 12.

LOURENÇO, Eduardo

1981 *Fernando Pessoa revisitado. Leitura estruturante de um drama em gente*. 2ª ed. Lisboa, Moraes, 1981, 200 p.

1983 *Poesia e metafísica. Camões, Antero, Pessoa* Lisboa, Sá da Costa, 1983, 262 p.

1986 *Fernando, rei da nossa Baviera*. Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1986, 152 p. (Col. Temas Portugueses).

LUKÁCS, Georg

1968 *Ensaio sobre literatura*; coordenação e prefácio de Leandro Konder; trad. Konder et alii. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

1970 *Introdução a uma estética marxista*. Sobre a particularidade como categoria da estética [Prolegomena a un'estetica marxista]; trad. Carlos Nelson coutinho & Leandro Konder. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970, 278 p.

s. d. *Teoria do romance* [Die Theorie des Romans]; trad. Alfredo Margarido. Lisboa, Presença, s. d., 205 p.

LYONS, John

1972 *O que é a linguagem? Introdução ao pensamento de Noam Chomsky* [Chomsky]; trad. Bruno da Ponte. Lisboa, Estampa, 1972, 150 p.

1979 *Introdução à linguística teórica* [Introduction to theoretical linguistics]; trad. Rosa Virgínia Mattos e Silva & Hélio Pimentel. São Paulo, Nacional, 1979, XXVI + 545 p. (Biblioteca Universitária, 13).

LYONS, John (organização)

1976 *Novos horizontes em linguística* [New horizons in linguistics]; trad. Geraldo Cintra et alii. São Paulo, Cultrix, 348 p.

MAIAKOVSKI, Wladimir

1969 *Como fazer versos*; trad. Antonio Landeira & ^a Manuela Ferreira. Lisboa, Dom Quixote 1969, 112 p. (Cadernos de Literatura, 4).

MANNHEIM, Karl

1976 *Ideologia e utopia* [Ideology and utopia: an introduction to the sociology of knowledge]; trad. Sérgio Santeiro. 3^a ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1976, 330 p. (Biblioteca de Ciências Sociais).

MANNONI, Maud

1983 *El síntoma y el saber* [Le symptôme et le savoir]; trad. Margarita Mizraji. Barcelona, Gedisa, 1983, 108 p. (Defesa de Doutorado de Estado em Paris-VII / Letras e Ciências Humanas, perante a banca formada por Julia Kristeva, Pierre Fedida, Pierre Kaufmann, Lucien Israel e Jean Oury).

MARCELLESI, Jean-Baptiste & GARDIN, Bernard

1975 *Introdução à sociolinguística. A linguística social* [Introduction à la sociolinguistique]; trad. M^a de Lourdes Saraiva. Lisboa, Aster, 1975, 308 p.

- MARGARIDO, Alfredo: As inquietações plásticas de Bernardo Soares. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2º semestre de 1985, p. 27-46.
- MARTINET, André
 1973 *Elementos de linguística geral* [Éléments de linguistique générale]; trad. Jorge Morais Barbosa. 5ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1973, 224 p.
- MARX, Karl
 1978 *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. Seleção de José Arthur Giannotti, trad. José Carlos Bruni et alii. 2ª ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978, 410 p. (Os Pensadores).
 1956 *Teses sobre Feuerbach*. In : Trechos escolhidos sobre filosofia; trad. Inácio Rangel. Rio de Janeiro, Calvino, 1956, p. 60-63.
 1956b *Trechos escolhidos sobre filosofia*; trad. Inácio Rangel. Rio de Janeiro, Calvino, 1956, 320 p.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich
 1846 *A ideologia alemã*. Vol. I. (Crítica da filosofia alemã mais recente na pessoa dos seus representantes Feurbach, Bruno Bauer e Stirner, e do socialismo alemão na dos seus diferentes profetas); trad. Conceição Jardim & Eduardo Lúcio Nogueira.
 1846b *A ideologia alemã*. Vol. II; trad. Conceição Jardim & Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa, Presença, s. d., 464 p. (Col. Síntese, 21).
 1971 *Sobre a literatura e a arte*; seleção e trad. Albano Lima. Lisboa, Estampa, 1971, 296 p.
 1978 *Manifesto do Partido Comunista* [Communist Manifest / Socialist Landmark]; trad. Regina Moraes, a partir da edição do Partido Trabalhista

Britânico, em comemoração aos 100 anos do Manifesto. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1978, 150 p. (Biblioteca de Cultura Histórica).

MCLUHAN, Marshall

1964 *Os meios de comunicação como extensões do homem* [Understanding media: the extensions of man]; trad. Décio Pignatari. 4ª ed. São Paulo, Cultrix, 1974, 408 p.

MCLUHAN, Marshall & PARKER, Harley

1975 *O espaço na poesia e na pintura através do ponto de fuga* [Thought the vanishing point]; trad. Edson Bini et alii. São Paulo, Hemus, 1975.

MENN

1976 Cultura. *Enciclopédia Mirador Internacional*. São Paulo, Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1976, p. 3107-3113.

MERQUIOR, José Guilherme

1965 *Razão do poema*; ensaios de crítica e de estética. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965, 247 p. (Col. Perspectivas do Homem, 7).

1969 *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin; ensio crítico sobre a escola neohegeliana de Frankfurt*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969.

1972 *A astúcia da mimese. Ensaios sobre lírica*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972, 230 p.

1972b *Saudades do carnaval. Introdução à crise da cultura*. Rio de Janeiro, Forense, 1972, 388 p.

1975 *O estruturalismo dos pobres e outras questões*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975, 98 p. (Col. Diagrama, 2).

1980 *O fantasma romântico e outros ensaios*. Rio de Janeiro, Vozes, 1980, 168 p.

- MIAZZI, M^a Luísa Fernandez
1972 *Introdução à linguística românica*. Histórico e métodos. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1972, 123 p.
- MOISÉS, Massaud
1988 *Fernando Pessoa e a esfinge*. São Paulo, Cultrix, Universidade de São Paulo, 1988, 200 p.
1988b Fernando Pessoa prosador. In: PESSOA. *O banqueiro anarquista e outras prosas*; seleção e introdução de Massaud Moisés. São Paulo, Cultrix, Universidade de São Paulo, 1988, 300 p.
- MONTEIRO, Adolfo Casais (Organização, seleção e notas)
1965 *A palavra essencial. Estudos sobre a poesia*. São Paulo, Nacional / Ed. da Universidade de São Paulo, 1965, 182 p. (Col. Ensaio,2).
1981 *Fernando Pessoa. Poesia*. 8^a ed. Rio de Janeiro, Agir, 1981, 126 p. (Col. Nossos Clássicos, 1).
1985 *A poesia de Fernando Pessoa* [Organização de José Blanco, contendo *Estudos sobre a poesia de Fernando Pessoa* e outros textos pessoanos]. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, 260 p. (Col. Temas Portugueses).
- MONZANI, Luiz Roberto
1986 O suplemento e o excesso. (Conferência proferida na I Semana da Filosofia, de 6-8 ago. 86, na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP). *Folhetim* [Freud: Por uma epistemologia da psicanálise], n^o 499. São Paulo, *Folha de São Paulo*, 31 ago. 86, p. 2-3.
- MOURA, Maria Lacerda de
[1970] Apêndice. In: Platão, *Apologia de Sócrates*; trad. e apêndice de M^a Lacerda de Moura; introdução

- de Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro, Edições de Ouro.
- MOREIRA, Virgílio Moretzsohn
 1979 As cartas de amor que Fernando Pessoa escreveu como se não fosse poeta. *O Globo*, 20 mar. 79, p. 31
- NEVES, João Alves das
 1980 Fernando Pessoa em francês. *Suplemento de O Estado de São Paulo*. Ano IV, n^o 178, 30 mar. 80, p. 12-13.
- NIETZSCHE, Friedrich
 1883-1885 *Assim falava Zaratustra* [Also sprach Zarathustra]; trad. Eduardo Nunes Fonseca, São Paulo, Hemus, s.d., 264 p.
- 1986 *Ecce homo. Como alguém se torna o que é* [Ecce homo – Wie Man wird, was Man ist]; trad. Paulo César Souza. 2^a ed. São Paulo, Max Limonad, 1986.
- 1978 *Obras incompletas*; seleção de textos de Gérard Lebrun, trad. e notas de Rubens Torres F^o, posfácio de Antônio Cândido. 2^a ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978 (Os Pensadores).
- NUNES, Benedito
 1985 Personagem. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2^o semestre de 1985, p. 47-62.
- OGDEN, C. K. & RICHARDS, I. A.
 1972 *O significado de significado: um estudo da influência da linguagem sobre o pensamento e sobre a ciência do simbolismo; com ensaios suplementares de B. Malinowsky e F. G. Crookshank* [The meaning of meaning; a study of the influence of language upon thought and of the science of symbolism]; trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Zahar, 1972, 350 p. (Biblioteca de Ciências Sociais).

- OLIVEIRA, Adelmo et alii
 1972 *Breve romancero do natal*, Salvador, Beneditina,
 1972 (Antologia com poemas de A. Oliveira, An-
 tonio Brasileiro, Carlos Cunha, Carvalho Filho,
 Cid Seixas (Fraga Filho), Fernando Batinga de
 Mendonça, Florisvaldo Mattos, Godofredo Filho,
 Humberto Fialho Guedes, Ildázio Tavares, José
 de Oliveira Falcón, M^a da Conceição Paranhos,
 Mariano Costa Rego (O. S. B.), Ruy Espinheira
 Filho e Wilson Rocha).
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso
 1976 *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo, Pio-
 neira, 1976, 120 p.
- PADRÃO, M^a da Glória
 1988 Para uma topologia da exclusão – aproximações.
Letras & Artes, n^o 11, Porto, 1^o nov. 88, p. 8-9.
- PAES, José Paulo
 1985 *Gregos & baianos*; ensaios. São Paulo, Brasiliense,
 1985, 276 p.
- PAIVA, José Rodrigues de
 1982 *Sobre o primeiro modernismo português*. Recife, Pi-
 rata, 1982.
- PASSOLINNI, Pier Paolo
 1966 A poesia do novo cinema. *Revista Civilização Bra-
 sileira*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, maio de 1966, p.
 270.
- PAZ, Otávio
 1972 O desconhecido de si mesmo: Fernando Pessoa.
 In: *Signos em rotação*. São Paulo, Perspectiva, 1972,
 p. 201-220 (Col. Debates, 48).
- 1972b *Signos em rotação*; organização Celso Lafer &
 Haroldo de Campos; trad. Sebastião Uchoa Lei-

- te. São Paulo, Perspectiva, 1972. (Col. Debates, 48).
- PEIRCE, Charles Sanders
1972 *Semiótica e filosofia* [Collected papers of Charles Sanders Peirce]; introd., seleção e trad. de Octanny Silveira da Mota & Leonidas Hegenberg. São Paulo, Cultrix, 1972.
- PELEGRINO, Hélio
1974 Um rubi no umbigo. *Encontros com a Civilização Brasileira*, 9. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974, p. 193-204.
- PERINI, Mário Alberto
1976 *A gramática gerativa. Introdução ao estudo da sintaxe portuguesa*. Belo Horizonte, Vigília, 1976.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla
1973 *Falência da crítica. Um caso limite: Lautréamont*. São Paulo, Perspectiva, 1973, 180 p. (Col. Debates, 81).
- 1978 *Texto, crítica, escritura*. São Paulo, Ática, 1978, 158 p. (Col. Ensaios, 45).
- 1980 Lição de casa. In: BARTHES. *Aula*. Aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França, [Leçon]; trad e pósfácio de Leyla Perrone Moisés. São Paulo, Cultrix, s.d., p. 49-89.
- 1985 O livro do desassossego: do mundo em falta à palavra plena. *Estudos portugueses e africanos*, 8. Campinas, Unicamp, 2º semestre de 1985, p. 9-19.
- 1988 Os amores pagãos. *Minas Gerais Suplemento literário*, Ano XXII, nº 1.110. (*Pessoa. Porque tudo é a vida*, edição especial organizada por Nádya Battella Gotlib) Belo Horizonte, 19 nov. 88, p. 4-5.

PESSOA, Fernando

1972 *Obra poética*; organização, introdução e notas de M^a Aliete Galhoz. Rio de Janeiro, Aguilar, 1972.

1975 *Ficções do interlúdio 1. Poemas completos de Alberto Caeiro*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1975, 156 p. (Biblioteca Manancial, 39).

1976 *Ficções do interlúdio 2-3. Odes de Ricardo Reis. Para além do outro oceano de Coelho Pacheco*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976, 176 p. (Biblioteca Manancial, 40).

1976b *Obras em prosa*; organização, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976, 729 p.

1976c *Mensagem. À memória do Presidente-Rei Sidónio Pais. Quinto Império. Cancioneiro*; anotações de M^a Alieta Galhoz. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976, 260 p. (Biblioteca Manacial, 38).

1976d *Ficções do interlúdio 4. Poesias de Álvaro de Campos*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976, 224 p. (Biblioteca Manancial, 41).

1978 *Cartas de amor*; organização, posfácio e notas de David Mourão-Ferreira. Preâmbulo e estabelecimento do texto de M^a da graça Queiroz. Lisboa, Ática; Rio de Janeiro, Camões, 1978.

1982 *Livro do desassossego, por Bernardo Soares*. II volumes. Recolha e transcrição de textos: M^a Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha; prefácio e organização: Jacinto do Prado Coelho. Lisboa, Ática, 1982.

PICCHIO, Luciana Stegagno: Reunificação de Fernando Pessoa. *Estudos portugueses e africanos*,

8. Campinas, Unicamp, 2º semestre de 1985, p. 21-26.
- PICCHIO, Luciana Stegagno & JAKOBSON, Roman
1970 Os oxímoros dialéticos de Fernando Pessoa. In:
JAKOBSON. *Linguística. Poética. Cinema*. São
Paulo, Perspectiva, 1970, p. 93-118.
- PIGNATARI, Décio
1971 *Contracomunicação*. São Paulo, Perspectiva, 1971,
269 p. (Col. Debates, 44).
- 1973 *Informação. Linguagem. Comunicação*. 6ª ed. São
Paulo, Perspectiva, 1973, 144 p. (Col. Debates,
2).
- 1974 *Semiótica e literatura*. São Paulo, Perspectiva, 1974,
183 p. (Col. Debates, 93).
- PIMENTEL, Osmar:
1974 Língua, literatura e trópico. In: *Trópico &* (Traba-
lhos apresentados e debates travados no Seminá-
rio de Tropicologia da Universidade Federal de
Pernambuco, no decorrer do ano de 1968, sob a
direção de Gilberto Freire). Recife, Editora Uni-
versitária, UFPe., 1974, p. 37-113.
- PLATÃO
387-380 a. C. *Diálogos. Mênon – Banquete – Fedro*; trad.
do grego por Jorge Paleikat. Rio de Janeiro, Edi-
ções de Ouro, s. d., 270 p.
- 399 a. C. *Apologia de Sócrates*; trad. e apêndice de Mª
Lacerda de Moura; introdução de Alceu Amoro-
so Lima. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s. d.,
138 p.
- 1964 *A república*; trad. Leonel Vallandro. Porto Alegre,
Globo, 1964, 318 p. (Biblioteca dos Séculos. Diá-
logos, III).

- 1966 *Obras completas*; tradução del griego, preâmbulos y notas por Maria Araujo et alii. Madrid, Aguilar, 1966, 1742 p.
- POE, Edgard Alan
1965 *Ficção completa, poesia & ensaios*; organização, tradução e notas de Oscar Mendes, com a colaboração de Milton Amado. Rio de Janeiro, Aguilar, 1965, 1022 p.
- PORTELLA, Eduardo
1974 *Fundamento da investigação literária*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1974, 172 p. (Biblioteca Tempo Universitário, 33).
1973 *Teoria da comunicação literária*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1973, 176 p. (Biblioteca Tempo Universitário, 25).
- POUND, Ezra
1970 *ABC da literatura* [ABC of reading]; trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, 1970, 218 p.
1976 *A arte da poesia*; ensaios escolhidos [How to read / A retrospect / The serious artist / The teacher's mission / Date line]; trad. Heloysa Dantas e José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1976, 164 p.
- PRIETO, Luis J.: *Mensagens e sinais* [Messages et signaux]; trad. Anne Arnichand & Álvaro Lorencini. São Paulo, Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1973, 153 p.
- QUADROS, António
1984 *Fernando Pessoa. Vida, personalidade e gênio*. 2ª ed. Lisboa, Dom Quixote, 1984, 319 p.

READ, Hebert

1967 *As origens da forma na arte* [The origins of form in art]; trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

REICH, Wilhelm

1977 *Materialismo dialético e psicanálise* [Verlag fur Sexualpolitik]; trad. J. J. Ramos. Lisboa, Presença / Rio, Martins Fontes, 1977.

RENZI, Emílio

1970 Sobre a noção do inconsciente de Lévi-Strauss. In: LIMA, Luis Costa. *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1970, p. 107-113.

RIBEIRO, Darcy

1970 *Os índios e a civilização*; a integração das populações indígenas no Brasil moderno. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.

1975 *Configurações histórico-culturais dos povos americanos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975, 159 p. (Cf. especialmente os capítulos “O processo civilizatório”, “Debate internacional de Current anthropology” e “Epílogo á edição alemã de *O processo civilizatório* por Heinz Rudolf Sonntag”).

RIBEIRO, João

1969 *O forclore*. Rio de Janeiro, Simões / Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro-MEC, 1969, 224 p.

RICARDO, Cassiano

1964 *Algumas reflexões sobre poética de vanguarda*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1964, 100 p.

RICOEUR, Paul

1970 Estrutura e hermenêutica. In: LIMA, Luis Costa (Org.). *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1970, p. 157-191.

1977 *Da interpretação: ensaio sobre Freud* [De l'interpretation: essai sur Freud]; trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro, Imago, 1977.

ROUSSEAU, Jean-Jacques

1756 *Ensaio sobre a origem das línguas; no qual se fala da melodia e da imitação musical* [Essai sur l'origine des langues où il est parlé de la mélodie et de l'imitation musicale]; trad. Lourdes Machado. *Obras políticas*, Vol. II. Porto Alegre, Globo, 1962, p. 417-479.

1762 *Do contrato social; ou Princípios do direito político* [Du contrat social ou princips du droit politique]; trad. Lourdes Machado. *Obras políticas*. Vol. II. Porto Alegre, Globo, 1962, p. 1-165.

RUSSEL, Bertrand

1976 *Nosso conhecimento do mundo exterior*. Estabelecimento de um campo para estudos sobre o método científico em filosofia [Our knowledge of the external world; as a field for scientific method in philosophy]; trad. R. Haddock Lobo. São Paulo, Nacional, 1966, X + 186 p.

1977 *História da filosofia ocidental*. Vol. I: *A filosofia antiga* [History of western philosophy]; trad. Brenno Silveira. 3ª ed. São Paulo, Nacional, 1977, XXII + 336 p.

1977b *História da filosofia ocidental*. Vol. II: *A filosofia católica* [History of western philosophy]; trad. Brenno Silveira. 3ª ed. São Paulo, Nacional, 1977, XII + 200 p.

1977c *História da filosofia ocidental*. Vol. III: *A filosofia moderna* [History of western philosophy]; trad. Brenno Silveira. 3ª ed. São Paulo, Nacional, 1977.

- SÁ-CARNEIRO, Mário de
 1912 *Loucura*. 3ª ed. Lisboa, Rolim, s/d., 64 p.
 1974 *Todos os poemas*. Org. Alphonsus de Guimaraens Filho. Rio de Janeiro, J. Aguilar, 1974.
- SALLES, David
 1980 *Do ideal às ilusões*. Alguns temas da evolução do romantismo brasileiro. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.
- SANTAELLA, Lúcia
 1985 *O que é semiótica*. 3ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1985.
 1986 *Convergências; poesia concreta e tropicalismo*. São Paulo, Nobel, 1986, 130 p.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de
 1985 *Como se faz literatura*. Petrópolis, Vozes / IBASE, 1985, 160 p. (Col. Fazer).
- SANTOS, Wendel
 1977 *Crítica sistemática*. Goiânia, Oriente / Universidade Federal de Goiás / Secretaria de Educação e Cultura, 1977, 214 p.
 1978 *A construção do romance em Guimarães Rosa*. São Paulo, Ática, 1978, 232 p. (Col. Ensaios, 48).
 1978b *Os três reais da ficção*. Petrópolis, Vozes, 1978.
- SAPIR, Edward
 1954 *A linguagem; introdução ao estudo da fala* [Language: an introduction to the study of speech]; trad. J. Mattoso Câmara Jr., Rio de Janeiro, Instituto Nacional do livro – INL, 1954, 232 p. (Biblioteca Científica Brasileira, IV).
- SARAMAGO, José
 1985 *O ano da morte de Ricardo Reis*. 6ª ed. Lisboa, Caminho, 1985.

- SARTRE, Jean-Paul
1982 *A imaginação* [L'imagination]; trad. Luiz Fortes, 1982, 122 p.
- SAUSSURE, Ferdinand de
1916 *Curso de linguística geral* [Cours de linguistique generale]; trad. Antonio Chelini et alii. 4ª ed. São Paulo, Cultrix, 1972, 280 p.
- SCHILLER, Friedrich
1963 *Cartas sobre a educação estética da humanidade* [Über die Asthetische Erziehung des Menschen]; trad. Anatol Rosenfeld. São Paulo, Herder, 1963.
- SHAFF, Adam
1968 A definição funcional de ideologia e o problema do 'fim do século da ideologia'. *Documentos*, nº 2, São Paulo, 1968, p. 7-23.
- 1974 *Linguagem e conhecimento* [Język a Poznanie]; trad. Manuel Reis (do texto francês estabelecido por Claire Brendel. Coimbra, Almedina, 1974, 304 p.
- 1975 A gramática generativa e a concepção das ideias inatas. In SHAFF et alii: *Linguística, sociedade e política*; trad. Ana Mª Brito & Gabriela Matos. Lisboa, Edições 70, 1975, p. 9-43. (Col. Signos, 70).
- 1976 La objetividad del conocimiento a la luz de la sociología del conocimiento y del análisis del lenguaje. In: VERÓN, Eliseo (Selección). *El proceso ideológico*. Buenos Aires, Tiempo Contemporáneo, 3ª ed., 1976, p. 47-79 (Col. Ciencias Sociales).
- 1978 *História e verdade* [Histoire et verité]; trad. Mª Paula Duarte. São Paulo, Martins Fontes, 1978, 317 p.

- SECCHIN, Antonio Carlos
1983 *Elementos*; poesia. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983.
- SEIXAS, Cid
1974 Poética, uma subversão linguística, segundo Jakobson. *Jornal de Cultura*, nº 11. Salvador, *Diário de Notícias*, 7 abr. 74, p. 5.
- 1977 *O significando; superação da dicotomia do signo linguístico na semiótica poética*. Rio de Janeiro, comunicação ao XV Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas, 1977, 15 p.
- 1977b A subjetividade como elemento formativo da linguagem poética. *Minas Gerais Suplemento Literário*, nº 582. Belo Horizonte, 1977, p. 6-7.
- 1978 A falência do estruturalismo ou a remissão dos pecados do objeto. *Minas Gerais Suplemento Literário*, nº 612. Belo Horizonte, 1978, p. 6-7. Revisito e republicado em *Veritas*. Revista da PUC do Rio Grande do Sul, Vol. XXV, nº 98. Porto Alegre, jun. 80, p. 194-200.
- 1978b A linguagem dos sentidos na poética musical de Stravinsky. *Ciências Humanas*. Revista da Universidade Gama Filho, Vol. II, nº 5, Rio de Janeiro, 1978, p. 26-31
- 1978c *O signo selvagem; metapoema*. Salvador, Margem; Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.
- 1978d Manifesto à aldeia marginal: a ideologia contestatória da arte como signo selvagem. *Ciências Humanas*. Revista da Universidade Gama Filho, Vol. III, nº 10. Rio de Janeiro, jul./set. 79, p. 45-46.

- 1979 A ideologia da linguagem como criação literária. *Encontros com a Civilização Brasileira*, vol. 9. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979, p. 153-160.
- 1980 Sobre o conto e o poema; a contribuição da crítica. *Minas Gerais Suplemento Literário*, n° 732. Belo Horizonte, 4 nov. 80, p. 5.
- 1980b A ideologia do signo na ficção de Herculano. VI ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS DE LITERATURA PORTUGUESA (Assis, 16 a 19 de agosto de 1978): *Conferências e comunicações*. Assis, UNESP, 1980, p. 262-265.
- 1981 *O espelho de Narciso*. Livro I: *Linguagem, cultura e ideologia no idealismo e no marxismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira / Brasília, Instituto Nacional do Livro-INL, 1981, 262 p.
- 1981b Sua neurose é uma obra de arte ou sua obra de arte é uma neurose? *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XIV, n° 745. Belo Horizonte, 10 jan. 81, p. 6.
- 1982 Da presença de Eros na poesia romântica. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XV, n° 829. Belo Horizonte, 21 ago. 82, p. 6-7.
- 1982b O desatino e a lucidez da criação. Fernando Pessoa e a neurose como fonte poética. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XV, n° 835. Belo Horizonte, 2 out. 82, p. 1-2.
- 1982c *Fragmentos do diário de naufrágio*; poesia. Salvador, Oficina do Livro, 1992.
- 1983 *Do inconsciente à linguagem*. As ordenações semióticas do difuso e a linguagem como condição da consciência na teoria freudiana. São Paulo

- (Trabalho apresentado à Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da USP), 1983, 26 p.
- 1984 Uma estética marxista: Della Volpe. *Estudos linguísticos e literários*, nº 1. Salvador, Universidade Federal da Bahia, mai. 84, p. 93-101.
- 1985 A obra literária como espaço de transgressão. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XX, nº 1.003. Belo Horizonte, 21 dez 85, p. 3.
- 1989 A encenação do desejo no discurso da arte. *Minas Gerais Suplemento Literário*, nº 1130. Belo Horizonte, 16 set. 89, p. 2-3.
- 1989b Miguel Torga. O conto como metáfora da criação artística. *Minas Gerais Suplemento Literário*, Ano XIX, nº XIX, n. 901. Belo Horizonte, 7 de jan. 84, p. 45-46 *Quinto Império*. Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa, nº 1. Salvador, Gabinete Portugues de Leitura, 2º semestre de 89, p. 31-41).
- 1989c Poesia e conhecimento em Fernando Pessoa. *Quinto Império*; Revista de cultura e literaturas de língua portuguesa, nº 2, Salvador, Gabinete Portugues de Leitura / Associação de Estudos Portugueses Hélio Simões, 1989, p. 21-44.
- 1997 *O lugar da linguagem na teoria freudiana*; ensaio. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1997. (Col. Casa de Palavras)
- 2016 *Castro Alves e o reino de eros*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/eros>.
- 2016b *Stravinsky: uma poética dos sentidos. Ou a música como linguagem das emoções*. Copenhagen, Issuu,

- E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/stravisky>.
- 2016c *Do inconsciente à linguagem. Uma teoria da linguagem na descoberta de Freud*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/inconsciente>.
- SEIXO, M^a Alzira
 1986 O Livro do desassossego e as ficções da intimidade. In: *A palavra no romance*. Ensaios de genologia e análise. Lisboa, Horizonte, 244 p.
- SENA, Jorge de
 1984 *Fernando Pessoa & C^a Heterónima* (Estudos coligidos, 1940-1978), prefácio e organização de Mécia de Sena. 2^a ed. Lisboa, Edições 70, 1984, 492 p.
- SIMÕES, João Gaspar
 1931 Fernando Pessoa e as vozes da infância. In: *O mistério da poesia*. Ensaios de interpretação da gênese poética. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931, p. 169-194.
- 1983 *Fernando Pessoa. Breve história da sua vida e da sua obra*. Lisboa, Difel, 1983, 216 p.
- SOURIAU, Etienne: *Chaves da estética* [Clefs pour l'esthétique]; trad. Asearina Belém. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1973, 126 p.
- SPERBER, Dan
 1978 *O simbolismo em geral* [Le symbolisme en général]; trad. Frederico Barros & Oswaldo Xidieh. São Paulo, Cultrix, 1978, 143 p.
- STALIN, J.
 1950 *Sobre o marxismo na linguística*. Santo André. Centro de Cultura Operária, s. d., 17 p. (Col. Textos Marxistas. Infra-estrutura & Superestrutura, 10).

- STAROBINSKI, Jean
 1974 *As palavras sob as palavras*. Os anagramas de Ferdinand de Saussure [Les mots sous les mots]; trad. Carlos Vogt. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- SUASSUNA, Ariano
 1975 *Iniciação à estética*. Recife, Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 1975, 289 p.
- TALES DE MILETO et alii
 1978 *Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. Seleção de José Cavalcante de Souza, trad. J. C. de Souza et alii. 2ª ed., São Paulo, Abril Cultural, 1978, 377 p. (Coleção Os Pensadores).
- TELES, Gilberto Mendonça
 1972 *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. Apresentação crítica dos principais manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 até hoje. Petrópolis, Vozes, 1972, 272 p.
- TODOROV, Tzvetan
 1970 *Estruturas narrativas*, trad. Leyla Perrone-Moisés. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1970, 208 p.
 1973 *Literatura e significação* [Littérature et signification]; trad. Antonio José Massano. Lisboa, Assírio & Alvim, 1973, 128 p.
 1976 *Estruturalismo e poética* [Qu'est-ce que le structuralisme? Poétique], trad. José Paulo Paes & Frederico Pessoa de Barros. 4ª ed. (de acordo com o texto da nova edição francesa de 1973, revisto pelo autor). São Paulo, Cultrix, 1976, 132 p.
- TODOROV et alii
 1972 *Semiologia e linguística*. Seleção de ensaios da revista "Communications". Petrópolis, Vozes, 1972.

- 1977 *Linguagem e motivação*. Uma perspectiva semiológica; org. e trad. Ana Mariza Ribeiro Filipouski et alii. Porto Alegre, Globo, 1977, 126 p.
- TOMACHEVSKY, Boris
- 1971 Temática, in: ENKENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Marisa Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 169-204.
- TOMÁS DE AQUINO, Santo
- 1979 *Compêndio de teologia* [Compendium theologiae]; trad. Luís J. Baraúna, in TOMÁS DE AQUINO et alii: *Seleção de textos*. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 69-101 (Os Pensadores).
- 1979b Textos da suma teológica [Summa theologica]; trad. Alexandre Correia, in: TOMÁS DE AQUINO et alii. *Seleção de textos*. São Paulo, Abril Cultural, 1979, p. 103-146 (Os Pensadores).
- TABUCCHI, Antonio
- 1984 *Pessoana mínima*. Escritos sobre Fernando Pessoa; trad. Antonio Tabucchi et alii. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, 156 p.
- TRINDADE, Liana S.
- 1978 Analogia entre linguagem e sociedade: sobre a origem e desenvolvimento da linguagem. In: *As raízes ideológicas das teorias sociais*. São Paulo, Ática, 1978, p. 106-109 (Coleção Ensaios, 40).
- TROTSKY, Leon
- 1971 A escola poética formalista e o marxismo, in: ENKENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Mariza Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 71-85.

- TYNIANOV, Júri & JAKOBSON, Roman
 1971 Os problemas dos estudos literários e linguísticos, in: EIKENBAUM et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*; org. Dionísio Toledo, trad. Marisa Ribeiro et alii. Porto Alegre, Globo, 1971, p. 95-97.
- ULLMANN, Stephen
 1970 *Semântica. Uma introdução à ciência do significado* [Semantics: An introduction to the science of meaning]; trad. Osório Mateus. 2ª ed., Lisboa, Gulbenkian, 1970.
- VÁRIOS AUTORES
 1963 Respostas a algumas questões. Respostas de Claude Lévi-Strauss a questões formuladas por Paul Ricoeur, Marc Goboriau, Mikel Dufrenne, Jean-Pierre Faye, Kostas Axelos, Jean Lautman, Jean Cusinier, Pierre Hadot e Jean Conilh, no último encontro do “Groupe philosophique” de *Esprit*, em junho de 1963. In: LIMA, Luis Costa. *O estruturalismo de Lévi-Strauss*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1970, p. 192-220.
- VELHO, Gilberto & CASTRO, E. B. Viveiros de
 1978 O conceito de cultura e o estudo de sociedades complexas: uma perspectiva antropológica, *Arte-fato*, nº 1, Rio de Janeiro, Conselho Estadual de Cultura, 1978, p. 4-9.
- VICO, Giambattista
 1725 *Princípios de uma ciência nova* [Principi di azienza nuova]; trad. Antonio Prado. São Paulo, Abril Cultural, 1979, 186 p. (Col. Os Pensadores).

- VOGT, Carlos
1977 *Linguagem e poder*. Campinas, UNICAMP, 1977, 19 p. (Policopiado).
- WARTBURG, Walther von & ULLMANN, Stephen
1943 *Problemas e métodos da linguística* [Problèmes et méthodes de la linguistique]; traduzido do francês por Maria Elisa Mascarenhas. São Paulo, Difel, 1975, 230 p.
- WELLEK, René
1965 *Conceitos de crítica* [Concepts of criticism]; trad. Oscar Mendes. São Paulo, Cultrix, s. d., 312 p.
- WELLEK, René & WARREN, Austin
1971 *Teoria da literatura* [Theory of literature]; trad. José Palla e Carmo. 2ª ed., Lisboa, Europa-América, 1971, 394 p.
- WITTGENSTEIN, Ludwig
1968 *Tractatus logico-philosophicus*; trad. José Arthur Giannotti. São Paulo, Nacional, 1968.
- 1972 *Investigações filosóficas* [Philosophische Untersuchungen), trad. José Carlos Broni. 2ª ed., São Paulo, Abril Cultural, 1979, 228 p. (Os Pensadores).



Livro I:

ESPAÇO DE TRANSGRESSÃO E ESPAÇO DE CONVENÇÃO

Livro II:

A CONSTRUÇÃO DO REAL COMO PAPEL DA CULTURA

Livro III:

A POESIA COMO METÁFORA DO CONHECIMENTO

Livro IV:

O SIGNO POÉTICO, FICÇÃO E REALIDADE

Livro V:

DO SENTIDO LINEAR À CONSTELAÇÃO DE SENTIDOS

Livro VI:

O ECO DA INTERDIÇÃO OU O SIGNO ARISCO

Livro VII:

A POÉTICA PESSOANA, UMA PRÁTICA SEM TEORIA

Livro VIII:

O DESATINO E A LUCIDEZ DA CRIAÇÃO EM PESSOA

Livro IX:

UMA UTOPIA EM PESSOA:

CAEIRO E O LUGAR DE FORA DA CULTURA



Cid Seixas é jornalista e escritor. Antes de se tornar professor universitário, atuou na imprensa como repórter, *copy desk* e editor, trabalhando em rádio, jornal e televisão. Fundou e dirigiu um dos mais qualificados suplementos literários, o *Jornal de Cultura*, publicado pelo antigo Diário de Notícias. Graduado pela UCSAL, Mestre pela UFBA e Doutor em Literatura pela USP. Na área de editoração, dedica-se a planejamento e projeto de livros e outras publicações. Além de ter colaborado com jornais e revistas especializadas, entre os quais *O Estado de S. Paulo* e a *Colóquio*, de Lisboa, assinou, durante cinco anos, a coluna “Leitura Crítica”, no jornal *A Tarde*.

É Professor Titular aposentado da Universidade Federal da Bahia e Professor Adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana, onde atuou nos projetos de criação do Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural, bem como da UEFS Editora.

A POÉTICA PESSOANA: UMA PRÁTICA SEM TEORIA

A prática criadora de Pessoa intui que as figuras formativas da linguagem não são simples divertimentos de adultos nem joias para enfeitar o pensamento: a metáfora é como a nave exploratória, que ultrapassa a atmosfera respirável e vence o vazio escuro, em busca de novas formas de vida. Instrumento impreciso e intenso do conhecimento, a metáfora é a nau descobridora. Os olhos dos tripulantes, embaçados pela brusca bruma, captam imagens distorcidas, fantasmas. Mas, pelo condão da palavra inaugural, veem o que outros olhos não viram ainda, transmutando a visão difusa em objeto esculpido na pedra pela densa luz do dia.

<https://issuu.com/cidseixas/7.poetica>

<https://issuu.com/e-book.br/7.poetica>

www.e-book.uefs.br

www.linguagens.ufba.br

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL